

Stadium

N.º 120 * 21 DE MARÇO DE 1945 * PREÇO 1\$50



NESTE NÚMERO

—
mais uma
separata:

CONCEIÇÃO

capitão da
Académica

BENFICA-F. C. PORTO

A luta eterna do ataque e da defesa... Guilha e Espírito Santo, populares figuras dos dois grupos, batem-se com aquê ardor que empresta ao futebol os melhores momentos

AO REDOR DO PORTUGAL-ESPAHHA

O dr. Vergílio Paula

secretário-geral da Federação de Futebol
faculta-nos algumas informações curiosas

CONTINUA a ser largamente comentado o XV Portugal-Espanha, acontecimento grandioso do futebol português e que proporcionou a estreia do nosso belo Estádio em competições internacionais. Toda a gente guarda na retina o aspecto magnífico do enorme recinto, teatro de uma jornada desportiva exuberante de valor e beleza.

Dezenas e dezenas de milhares de pessoas acompanharam dia a dia todos os pormenores relacionados com a pugna. Mas poucos foram os que concentraram a sua atenção no mais importante, sem o qual não teria sido possível pôr a funcionar a enorme máquina que impulsionou tão impressionante jornada: a organização.

Em socegada apreciação do grande acontecimento, não deixa de ser deveras curiosa a divulgação do que se fez para conseguir pô-lo de pé no agradável vale do Jamor.

A que atribuir tão grande interesse

Coube à Federação Portuguesa de Futebol todo o esforço que foi necessário desenvolver para este XV Portugal-Espanha. Visitámos há dias a sua sede e devemos à amabilidade dos srs. drs. Bento Coelho da Rocha, Vicente de Melo e Vergílio Paula, seus directores, as informações que publicamos.

O dr. Vergílio Paula, figura sobejamente conhecida e secretário-geral daquele organismo, prontificou-se a satisfazer a nossa curiosidade — e a do leitor...

Concedamos-lhe a palavra:

— O entusiasmo pelo jogo só começou a desenvolver-se verdadeiramente nos últimos dias de Fevereiro, primeiro através das marcações de bilhetes feitas na Federação e depois pela afluência perturbadora e invulgar de compradores, no dia em que foram abertas as bilheteiras, esgotando rapidamente tudo quanto existia!

«Depois foi o delírio até o dia do encontro. Desde o mais alto representante da Nação ao mais modesto elemento do povo, o interesse que demonstraram constitui prova convincente de que o futebol é o grande desporto das multitudes.

«Podemos concluir que cerca de meio milhão de pessoas segue actualmente a vida do futebol em Portugal. Para base do cálculo basta recordar que um Benfica-Sporting atrai facilmente 30 mil ou mais entusiastas. Adicionem-se-lhes todos quantos quiseram assistir ao jogo do Estádio Nacional, levando consigo outros que não frequentam normal e regularmente os campos da bola, mais os que vieram da província — e chega-se rapidamente a uma cifra suficiente para esgotar a lotação do Estádio.

«Quanto à venda de bilhetes, muito se tem dito acerca da falta de espírito de previsão da Federação de Futebol. Mas toda a gente a teve em Portugal... O estribilho era certo e constante: «O Estádio Nacional é muito grande. Há lugar para todos!...»

Os números e a organização

No organismo federativo tudo foi pôsto em movimento para atender à organização do grande encontro.

— A Federação teve trabalho exaustivo — continua o dr. Vergílio Paula.

«Desde a marcação e venda de 24.000 lugares; distribuição de 5.000 convites; relações com a Imprensa desportiva portuguesa e estrangeira; com a Comissão Administrativa do Estádio e através dela com os ministérios das Obras Públicas e das Finanças, para a cedência do mesmo Estádio; licença de jogadores e estágio; e organização de todos os actos de protocolo, etc., foi uma premente imensidade de assuntos, com os pormenores mais dispare, como o que se prendia com os 261 porteiros

indispensáveis e o policiamento feito por centenas de agentes da autoridade.

«Foram necessárias portarias especiais para a cedência do Estádio e pagamento do imposto do selo. A primeira envolvia uma percentagem de 20% sobre a receita total e o segundo importava em 3% — o que dá para o Estado a quantia de 272 contos. Jámais qualquer espectáculo rendeu tão grande importância ao Tesouro!

«A receita do jogo atingiu 1.165 contos, mas a despesa, prevendo já as próximas viagens à Corunha e à Suíça, andará por 600 contos.

Um pormenor importante: o «team» nacional

A nossa curiosidade volve-se para a orientação e pensamentos dos federativos em relação ao «team» nacional.

O activo secretário-geral da F. P. F. dá-nos pormenores relacionados com a orientação seguida:

— A comissão administrativa da Federação de Futebol pensava a sério, desde Novembro passado, na equipa nacional. Assim, deu-se à comissão de selecção toda a liberdade de trabalho, todas as facilidades de deslocação para bem observar os jogadores através do campeonato nacional. Designou-se um professor de ginástica e um massagista, e o Centro de Medicina Desportiva tomou a seu cargo a vigilância clínica dos prováveis internacionais, que começaram em 15 de Fevereiro o estágio no Estoril.

«A comissão administrativa da Federação está conscia de que a preparação da equipa foi realmente objecto de cuidado e meticulosidade incontestáveis — pormenor que a imprensa portuguesa e espanhola pôs aliás em relevo.

— E pelo que respeita aos próximos

jogos internacionais? — interrompemos.

— A equipa nacional continuará, dentro de poucos dias, a sua preparação ginástica e em Abril voltará aos treinos. Então, será já o «onze» provável que permanecerá num estágio de 15 ou 20 dias. Pretendemos manter em boa forma uma equipa nacional autêntica, visto que o futuro nos reserva perspectivas muito interessantes para o nosso futebol.

Intercambio desportivo luso-espanhol

O XV Portugal-Espanha teve ainda um aspecto de importância capital: maior e melhor aproximação luso-espanhola no campo desportivo. Tudo se encaminhou em ambiente magnífico, salientando-se a visita da prestigiosa figura militar do general Moscardó e de elevado número de personalidades dirigentes do futebol castelhano, a garantir o desejo de intercambio vasto.

Sob este aspecto, o dr. Vergílio Paula diz-nos:

— A vinda do general Moscardó, de três categorizados funcionários da Delegación Nacional de Deportes e de diversos representantes da Federação Espanhola, representou desvanecedora prova de consideração pelo nosso movimento desportivo.

«Devo salientar as afirmações feitas nos banquetes oferecidos pelo sr. embaixador de Espanha e pela Federação, e no almoço em que as duas equipas confraternizaram. Estas cerimónias constituíram provas da mais sincera cordialidade e simpatia.

«Por tudo isto, o XV Portugal-Espanha representou um passo decisivo para o fomento das relações com o país vizinho, que abrangem vasto campo — desportivo, cultural e social.

O encontro na Corunha

Passados estes primeiros dias sobre o jogo do dia 11, reaviva-se a curiosidade e surge nova expectativa. Avizinha-se segundo encontro internacional, marcado para 6 de Maio, na bela cidade de Corunha, com a selecção espanhola, e um terceiro, com a Suíça, a efectuar neste maravilhoso país. Depois de haverem estado afastados destas competições grandiosas durante largo período, é natural o interesse por estes dois «matches».

(Continua na pág. 15)

DUAS NOTAS POR SEMANA

NO ESTRANGEIRO

A pelota basca adquiriu em Espanha tão grande desenvolvimento e tanto se generalizou em todo o país que foi criada a modalidade de pelota nacional.

O jogo, que demanda, para ser praticado com realce, extraordinárias faculdades atléticas, é completamente ignorado em Portugal, embora existam e estejam em estudo dois pedidos de diferentes empresas que pretendem construir em exclusivo um frontão.

Para quem desconhece em que consiste a pelota, diremos muito sinteticamente que se trata de uma espécie de «tennis», em que os adversários se encontram no mesmo campo e mutuamente se enviam a bola, fazendo-a ressaltar de encontro a uma parede; perde o ponto aquele que não consegue apanhá-la ou a envia para fora dos limites do jogo.

No público espanhol a pelota suscita indescripível entusiasmo, que não cremos viesse a ser imitado pelo público português. A modalidade serve de pretexto a consideráveis apostas e, nos encontros entre profissionais, o interesse destas apostas, a necessidade de as estimular, sobreleva a realidade da competição e encaminha com certeza muitas vezes as flutuações da pontuação; o espectador desapaixonado, que observa a frio os acontecimentos, fica sempre com essa dúvida.

No entanto, os espanhóis não resistem ao atractivo dos frontões e das suas lutas, nelas empenhando fortes somas, de cuja importância se pode fazer o cálculo sabendo que a Delegación Nacional de Deportes amealha anualmente quasi um milhão de pesetas — com a percentagem de 0,3 por cento que recebe sobre o valor global das apostas.

EM PORTUGAL

NUNCA, na história já longa do desporto português, qualquer acontecimento despertou na massa popular o entusiasmo, o interesse, a especialidade deste Portugal-Espanha; não houve, com certeza, no país inteiro, um único amante de desporto em quem não se afirmasse o desejo imperioso de presenciar a famigerada pugna — e a esta multidão adicionaram-se muitos milhares de curiosos que, não sendo frequentadores habituais dos campos de futebol, foram arrastados desta vez pelo frenesi contagioso, pela agitação da opinião pública e pelo prestígio dos nossos adversários e do recinto maravilhoso onde se celebraria o jogo.

Sucedeu, em consequência, que elevado número de candidatos a espectadores, número que a imprensa computou sem exagero nalgumas dezenas de milhares, não conseguiu lograr entrada no Estádio, e esses tiveram de contentar-se com «ouvir» o desafio ligando o seu receptor de T. S. F.

Como, por outro lado, as arquibancadas do Estádio Nacional se encheram por completo, além com certeza da sua lotação oficial, somos forçados a deduzir que, para acontecimentos de grande vulto e paixão popular, a capacidade do recinto, de cuja beleza tão justamente nos orgulhamos, é já insuficiente!

Prova do incremento que tem tomado, sob o impulso do patrocínio do Estado, a ideia desportiva, mas também facto que nos coloca ante um problema difícil se quisermos manter as lógicas aspirações de grandes empreendimentos, como as de trazer para o nosso País a honra de organizar uns Jogos Olímpicos.

NO MUNDO DA BOLA

PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Há resposta para tudo...

Há resposta para tudo...

ÉCOS DO PORTUGAL-ESPAHHA

As duas correntes de opinião sobre Cabrita

Uma carta que reflete o pensamento de um sector—O juízo dos críticos espanhóis

Já lá vai o Portugal-Espanha. Com uma jornada do Campeonato Nacional por cima, o grande jôgo quasi que esqueceu—para voltar a ser lembrado daqui a mês e meio. Entretanto—os ecos da magnifica luta ainda não se extinguiram, prolongando-se a questão à volta de uma das figuras que participou na peleja, o avançado Cabrita, deslocado do centro do seu clube para interior-esquerdo do nosso grupo representativo. Trata-se, verdadeiramente, do único ponto de discordância notado na crítica. E da crítica para o público—não vai um passo. Uns acham que o algarvio foi o supra-sumo da maravilha; outros que nada produziu de útil. A carta que a seguir transcrevemos reflecte o pensamento da facção negativista. Dizem-nos o seguinte:

«A inclusão de Cabrita em lugar do Teixeira foi um erro de palmatória, que não admite desculpa. E que exige uma sanção: a demissão dos seleccionadores. O Cabrita, jogador sem alma, sem vivacidade, sem iniciativa, sem poder de penetração, sem engodo pela baliza, sem velocidade, sem energia, sem conhecimento do lugar, foi preferido ao Teixeira, que a crítica e toda a gente reconhece ser o elemento ideal para jogos em que é preciso dar tudo por tudo. E assim se perdeu a oportunidade de vencer a Espanha. É triste.

Assim se desilude a esperança de milhões de portugueses, que ansiavam por uma vitória. As simpatias em futebol dão resultados funestos.

O Teixeira não teve doença nenhuma que o impedisse de jogar.

O Cabrita nem chegou a treinar uma única vez no Estádio, mas foi preferido. Isto é simplesmente inacreditável! A crítica deve ser desempoeirada.»

Não queremos tomar partido na questão pró-Cabrita e contra-Cabrita, dada a nossa insignificância de técnicos da bola. Isso é lá só para alguns nomes que, neste país, e felizmente para nós, dada a sua elevadissima capacidade e alta competência, delêm a ciência da bola, pelo menos, no campo filosófico da teoria. Todavia, a carta que publicamos é esturrada demais, para logo se ver

que a paixão de quem escreveu não lhe deixa ver a questão com serenidade.

Decididamente—se a escolha do grupo nos estivesse entregue não hesitaríamos nem um segundo: Teixeira no lugar, embora o conhecido atacante do Benfica não se encontrasse na sua forma de apogeu. Mas tudo o indicava merecedor da preferência.

Teixeira adoeceu. A afirmação de que ele não se encontrava doente parece-nos descabida. Tanto que não se apresentou no treino das Salésias, o último. Consequência: os seleccionadores olharam em volta e não viam uma pessoa competente para o lugar. Dois nomes vinham à baila: o de Catolino e o de Cabrita, que um dos seleccionadores havia visto, naquele pósto, dias antes, no Algarve. Convocados ambos para o treino decisivo, já que não havia tempo para mais (e aqui é que está precisamente o mal), o algarvio forneceu melhores provas, e daí a sua escolha.

Desacertada? Também estivemos no Estádio Nacional, num recanto do grande semi-círculo, e notámos que Cabrita, um inexperiente, inferior a si próprio no primeiro tempo (como de resto todos os outros avançados, mesmo os de maior categoria), melhorou nitidamente na segunda parte, desenhando passagens de boa visão e permitindo, pela entrega da bola, rasteira e precisa, ao seu companheiro Rafael, várias iniciativas perigosas dêste belenense.

Alguns críticos espanhóis salientaram o trabalho do algarvio. Carlos Alcaez, no *Arriba*, escreve que «Cabrita dribla com facilidade e é uma grande promessa de figura excepcional se consegue reunir à sua rápida concepção de jôgo uma possibilidade perfuradora, e o professor José Maria Ubeda, de *El Pueblo*, mostra-se muito admirado com o pessimismo à volta do rapaz, que vivamente o impressionara pelo seu jôgo de ligação e pelos lançamentos aos extremos. Em resumo: Cabrita não foi tão bom nem tão mau como o pintaram. Nem merece tão grandes elogios nem tão furibundas críticas. Num meio como o nosso—é um jogador novo que se destaca.

Voltemos hoje a satisfazer a curiosidade dos nossos leitores, tentando arrumar devidamente à casa. É nossa intenção responder, o mais depressa possível, a todas as perguntas que temos entre mãos, algumas das quais demandando pesquisa. Em todo o caso lembraremos que, nesta Secção, só se tratam questões de futebol, estando por isso prejudicados os assuntos relativos a outros desportos. Mais: que é conveniente fazer uma interrogação de cada vez para dar lugar a todas. Há questões que, com a efectivação do Portugal-Espanha, estão prejudicadas. Neste caso, por exemplo, entre outras, as que foram postas por *Um portista interessado pelo F. C. P.*, *Um sportingista de Alcoaba*, *Um curioso adepto da Associação Académica de Coimbra*, *Um sportingista de alma e coração*, *Um belenense de Castelo Branco*, *Um leitor da Revista*, e *Um benfiquista preocupado com a selecção*.

P. 39—Quais foram os resultados que Portugal obteve, as respectivas datas e onde, nos jogos internacionais com os diversos países, desde que o futebol começou a evidenciar-se?

Li no jornal que, no último desfilio Benfica-Olhannense, o último goal do Benfica tinha sido marcado pelo Rogério na execução de um «canto». Ora eu digo que «canto» e «corner» são a mesma coisa, e outro teimoso afirma que um «canto» é um diver marcado no ângulo da grande área. Será verdade? (*De um benfiquista ferrenho, de Lisboa*).

R. 39—Portugal disputou já 47 desfilios internacionais e com treze nações, sendo o seu primeiro encontro realizado em 15 de Dezembro de 1921. A Espanha foi a primeira nação com a qual jogámos. A Itália, a 2.^a; a Checoslováquia, a 3.^a; a França, a 4.^a; a Hungria, a 5.^a; a Argentina, a 6.^a; o Chile, a 7.^a; a Alemanha, a 8.^a; o Egito, a 9.^a; a Bélgica, a 10.^a; a Austria, a 11.^a; a Alemanha, a 12.^a; e a Suíça, a 13.^a.

O país com o qual mais vezes temos jogado é a Espanha, que já defrontámos 17 vezes. Seguem-se: França, com 6 vezes; Itália, 5; Suíça, 4; Hungria, 3; Alemanha, Checoslováquia, Jugoslavia e Bélgica, duas vezes cada; Argentina, Austria, Chile e Egito, uma vez cada.

Segue a lista dos encontros internacionais, com as datas, locais, nações e resultados, referindo-se em primeiro lugar ao nosso país para efeitos de número de goals:

Em 18-12-1921, Madrid, contra a Espanha, 1-3; 17-12-22, Lisboa, contra a Espanha, 1-2; 16-12-23, Sevilha, contra a Espanha, 0-3; 17-1-25, Lisboa, contra Espanha, 0-2; 18-6-25, Lisboa, contra Itália, 1-0; 25-1-26, Pórtio, contra Checoslováquia, 1-1; 18-4-26, Toulouse, contra França, 2-4; 26-12-26, Pórtio, contra a Hungria, 3-1; 16-3-27, Lisboa, contra França, 4-0; 17-4-27, Turim, contra Itália, 1-3; 29-5-27, Madrid, contra Espanha B, 0-2; 8-1-28, Lisboa, contra Espanha, 2-2; 1-4-28, Lisboa, contra Argentina, 0-0; 15-4-28, Pórtio, contra Itália, 2-1; 29-4-28, Paris, contra França, 1-1; 27-5-28, Amsterdão, contra Chile, nos Jogos Olímpicos, 4-2; 29-5-28, Amsterdão, contra a Jugoslavia, nos Jogos Olímpicos, 2-1; 4-6-28, Amsterdão, contra Egito, nos Jogos Olímpicos, 1-2; 17-3-29, Sevilha, contra Espanha, 0-2; 24-3-29, Paris, contra França, 0-2; 12-12-29, Milão, contra Itália, 1-0; 12-1-30, Lisboa, contra Checoslováquia, 1-0; 27-2-30, Pórtio, contra França, 2-0; 3-6-30, Amsterdão contra Bélgica, 1-2;

30-11-30, Pórtio, contra Espanha, 0-1; 12-4-31, Pórtio, contra Itália, 0-2; 21-5-31, Lisboa, contra Bélgica, 3-2; 3-5-32, Lisboa, contra Jugoslavia, 2-2; 29-1-33, Lisboa, contra Hungria (profissional) 1-0; 2-4-33, Vigo, contra Espanha, 0-2; 17-3-34, Madrid, contra Espanha, nas eliminatórias do Campeonato do Mundo, 0-0; 18-7-34, Lisboa, contra Espanha nas eliminatórias do Campeonato do Mundo, 1-2; 5-5-35, Lisboa, contra Espanha, 3-3; 26-1-36, Pórtio, contra Austria, 2-3; 27-2-36, Lisboa, contra Alemanha, 1-3; 28-11-37, Vigo, contra Espanha, 2-1; 9-1-38, Lisboa, contra Hungria, 4-0; 30-1-38, Lisboa, contra Espanha, 1-0; 24-4-38, Francfort, contra Alemanha, 1-1; 1-5-38, Milão, contra Suíça nas eliminatórias do Campeonato do Mundo, 1-2; 6-11-38, Lausanne, contra Suíça, 0-1; 12-2-39, Lisboa, contra Suíça, 2-4; 28-1-40, Paris, contra França, 2-3; 12-1-41, Lisboa, contra Espanha, 2-2; 16-3-41, Bilbao, contra Espanha, 1-1; 1-4-42, Lisboa, contra Suíça, 3-0; 11-3-1945, Lisboa, contra Espanha, 2-2.

Os desfilios disputados contra a Espanha em 1937, e 1938 não foram homologados pelo Federação Internacional. (Está assim satisfeita também a curiosidade de «Um francês de Paços de Brandão», «Um leão da Serra A. C. C.», «Um benfiquista ferrenho de Lisboa», «Leão Alfalcinhas», «Manuel Augusto benfiquista com por cento», «Um belenense que gosta do seu clube», Pela lista verificada, fica informado também o sr. Luis Marques dos Santos: nunca jogámos contra a Inglaterra.)

P. 40—Gostaria de conhecer o nome dos árbitros que dirigiram os nossos encontros internacionais, e a sua nacionalidade. (*Uma sócia do Pórtio que vive em Lisboa*).

R. 40—Pela ordem referida atrás na nossa lista de jogos internacionais: Barret, belga; Balcay, francês; Pais, belga; Vallat, francês; Thevskauf, belga; Degotte, belga; Diversen, suíço; Lioneras, espanhol; Colina, espanhol; Cejnar, checoslovaco; Crew, inglês; Prince Cox, inglês; L. Martinis, argentino; Cristophe, belga; Ross, inglês; Mohamed, árabe; Vicia, búlgaro; Comri, francês; Lauyenes, belga; Van Praey, belga; Baert, belga; Escartin, espanhol; Langemes, belga; Mutters, holandês; Baert, belga; Lioneras, espanhol; Melcon, espanhol; Escartin, espanhol; Melcon, espanhol; Lauyenes, belga; Van Praey, belga; Vicia, búlgaro; Comri, francês; Melcon, espanhol; Escartin, espanhol; Barlassina, italiano; Capdeville, francês; Mattea, italiano; Barlassina, italiano; Mattea, italiano; Capdeville, francês; Capdeville, francês; Bainbridge, inglês; Barlassina, italiano; dr. Bauwens, alemão; Villata, espanhol; Schers, suíço.

P. 41—Quais são os clubes que se podem intitular campeões de Portugal: Nomes e épocas? (*Um algarvio que o quer fazer valer*).

R. 41—Nem sempre o mesmo torneio tem dado o título de campeão de Portugal. Oficialmente, porém, os campeões de Portugal são os seguintes: 1921-22, F. C. do Pórtio; 22-23, Sporting; 23-24, Olhanense; 24-25, F. C. do Pórtio; 25-26, Marítimo; 26-27, Belenenses; 27-28, Caravelinhos; 28-29, Belenenses; 29-30, Benfica; 30-31, Benfica; 31-32, F. C. Pórtio; 32-33, Belenenses; 33-34, Sporting; 34-35, Benfica; 35-36, Sporting; 36-37, F. C. do Pórtio; 37-38, Sporting; 38-39, F. C. do Pórtio; 39-40, F. C. do Pórtio; 40-41, Sporting; 41-42, Benfica; 42-43, Benfica; 1943-1944, Sporting.

Tud' indica que esta época conquistador o título de campeão de Portugal o Benfica. Como vê, não nos arreliamos nada. Devemos ter oportunidade de responder também a Napoléon Augusto da Silveira, Paços de Brandão; Um leão da Serra A. C. C.; António Castro, do Pórtio; Um benfiquista assanhado; Um amigo de estatísticas; e J. A. Z., o grande, do Faial.

FLECHA-a bicicleta dos campeões

SUBSIDIOS para a HISTORIA

do PUGILISMO em PORTUGAL

COORDENAÇÃO DE *Felício Barradas*

O pugilismo é um desporto de origem muito recente em Portugal, mas apesar disso escasseiam já informações amplas e dados concretos sobre a sua evolução. Sabe-se que por volta de 1910 havia, dispersos pelo país, alguns amadores de boxe ainda pouco experientes. Como não existisse então qualquer organismo dirigente que lhes coordenasse as actividades e realizasse competições individuais ou torneios, estas eram resumidas e esporádicas.

O primeiro combate de certa importância cuja realização se conhece, travou-se a 4 de Julho de 1909, na Praça de Touros do Campo Pequeno, entre dois pugilistas de certa nomeada: o negro Samuel Mac Vea e o escocês Frederic Drummond. Havia enorme diferença de classe entre ambos, porque Mac Vea era, então, um dos seis melhores pugilistas mundiais de peso "pesado". Drummond perdeu por *knockout*, rapidamente. Sob o ponto de vista físico, o escocês tinha também inferioridade (uma das pernas atrofiada), circunstância que visivelmente lhe prejudicava a mobilidade.

Antes deste combate, que Rui da Cunha arbitrou — mais exibição que outra coisa... — podemos registar duas demonstrações efectuadas na Tapada da Ajuda, a 14 de Junho de 1904, por ocasião de certo festival desportivo realizado em honra da oficialidade de alguns navios de guerra norte-americanos surtos no Tejo.

Dois marinheiros do cruzador *Kearsage* e outros dois do couraçado *Alabama* combateram entre si e, segundo notícias publicadas nos jornais da época, foram "aplaudidos freneticamente".

Até 1911 a actividade do pugilismo foi nula, mas nesse ano realizou-se outro combate entre estrangeiros, desta vez mais a sério e melhor emparelhados. Defrontaram-se o inglês Jack Meekins, anunciado como campeão da marinha britânica, e Geo Max, um razoável peso-médio francês.

Max venceu por *knockout* ao 6.º assalto, fazendo alarde de muito melhor ciência de combate que o seu adversário.

Este encontro, levado a efeito por iniciativa dos jornais "O Século" e "Os Sports Ilustrados" e patrocinado pelo "L' Auto", de Paris, causou certa emoção entre os poucos amadores existentes em Portugal e conseguiu despertar a curiosidade popular, mas financeiramente foi um fracasso. As "bolsas" respectivas eram de 1.500 escudos para o vencedor e 300 escudos para o vencido — quantias que hoje correspondiam a "bolsas" muito superiores.

Vieram de França, propositadamente para estudarem as possibilidades de se desenvolver o pugilismo em Portugal, Léon Manaud, redactor de "L' Auto" e que serviu de árbitro, e o dr. Paul Gardé. Rui da Cunha foi o locutor e Borges de Castro, Claudio de Oliveira, Carlos Mártires e James Hext fizeram de "segundos".

O Coliseu da rua da Palma, hoje demolido, foi o local onde a luta se efectuou e teve escassa concorrência.

Em Março de 1911 creou-se a Liga Sportiva de Trabalhos Atléticoes, nomeando-se então comissões encarregadas de tratar dos diversos desportos. Da comissão do boxe fazia parte Humberto Vieira Caldas, um esplêndido e activo atleta, que se propôs redigir o primeiro regulamento de combate.

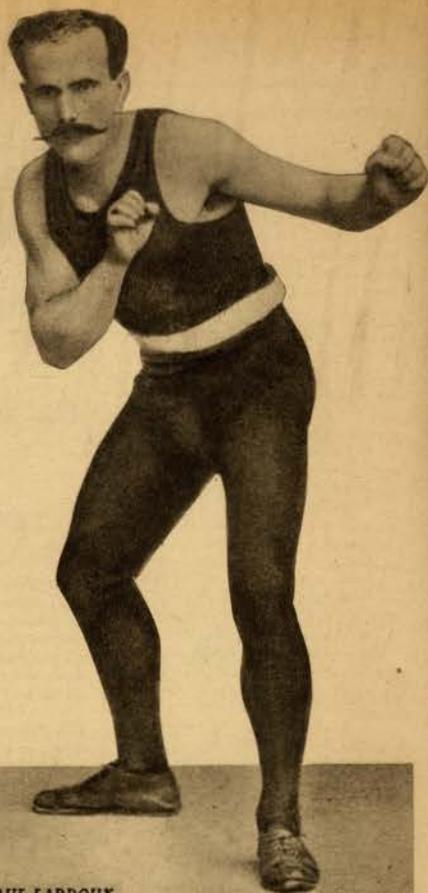
Já se conhecia então um número razoável de amadores fervorosos: Raúl Alves Martins, Joaquim Vital, D. José Perdigão, Eduardo Ferreira de Castro, Eduardo Luiz Pinto Basto, João Sasseti, José Heliodoro, José da Silva Ruivo, Carlos Marques Neves, Leopoldo Nascimento de Lys, Harry Rocha, o caricaturista Leal da Câmara, Armando Larcher, etc.

Muitos destes amadores eram pupilos do francês Paulo Larroux, professor de *savate* e de boxe, que viera para o nosso país ensinar estes dois desportos aos iniciados portugueses. Outros, como Lys e Câmara, haviam aprendido no estrangeiro. Os restantes fizeram-se pugilistas por "geração espontânea".

A 17 de Setembro de 1911, na sede do Sport Clube Progresso, efectuou-se o primeiro combate importante entre dois amadores portugueses. Foram adversários José da Silva Ruivo, com 55 quilos, e Carlos Marques Neves, com 58 quilos. Estipularam-se dez assaltos de 3 minutos e serviu de árbitro o professor Paulo Larroux.

Durante o 1.º assalto Ruivo atacou energicamente, colocando fortes golpes. Neves foi obrigado à defensiva e só applicou um bom sóco ao estômago. Vantagem de Ruivo. No 2.º assalto, Ruivo continuou o ataque, ainda que menos vigoroso. Neves insistiu nos golpes ao estômago mas foi escolhido por um *duplo*, esquerda e direita, que o abalou. Vantagem de Ruivo. O 3.º assalto coube a Marques Neves. Passou ao ataque e observou-se então dura troca de golpes. Quasi no fim do *round*, Ruivo foi a terra por efeito de um golpe ao estômago. No 4.º assalto ambos se mostram fatigados. Marques Neves persiste no ataque ao plexo-solhar; Ruivo cobre-se e responde duramente, sacudindo Neves com fortes golpes. Vantagem de Ruivo.

Ao começar o 5.º assalto, porém, Ruivo desistiu, declarando ter luxado o polegar da mão esquerda. O título de campeão de Portugal (amadores) dos "meios-levés" foi portanto atribuído a Marques Neves.



PAUL LARROUX



HARRY ROCHA

(Continua)

O I PORTUGAL-ESPANHA

nosso baptismo internacional na modalidade

Apontamentos e comentários por VASCO SANTOS

A Espanha venceu. Venceu com mérito indiscutível, por esmagadora diferença de «score» — apesar de não traduzir com fidelidade a luta travada nos oito tabuleiros. Enquanto uns ganharam, outros perderam. É a inexorável lei das competições, que só o verdadeiro espírito desportivo compreende e ameniza. Salmos vencidos desta prova, que pode designar-se por dura, mas não diminuídos. Isto significa que não há motivo para desânimo, antes estímulo, porque os nossos xadrezistas bateram-se de igual para igual — mesmo os vencidos. O encontro em Madrid espera-nos. Até lá deve-se trabalhar e progredir — e o resultado será certamente outro.

Ao cabo da 1.ª sessão os espanhóis ganhavam por 5-3

Como se sabe, o encontro disputou-se no casino do Estoril. A primeira sessão foi presidida pelo sr. sub-secretário de Estado da Educação Nacional e teve a assistência do sr. dr. Ayala Botto, inspector da Direcção Geral de Desportos. Os encontros foram dirigidos pelo presidente da Federação Espanhola de Xadrez, sr. Marquês de Montecorto, e pelo sr. dr. Mário Machado, director efectivo do torneio.

Feita a chamada dos jogadores, por entre calorosos aplausos, e depois de soarem os hinos nacionais dos dois países — começou o I Portugal-Espanha em Xadrez, nosso baptismo internacional na modalidade.

Em todos os tabuleiros, os primeiros lances jogaram-se com rapidez, e evidente nervosismo, com poucos minutos de intervalo, verificaram-se os primeiros resultados da jornada. Llorens desenvolveu bom jogo posicional, exercendo sempre certo predomínio. Pires fez a defesa ortodoxa e, dentro do espírito da abertura, deu boa réplica. Russell deve ter feito uma das suas melhores partidas. Perez optou por uma abertura que raramente se joga nos nossos torneios, principalmente em provas internacionais: a abertura Bird-1. f2-f4. Russell chegou a ter a iniciativa mas contentou-se com o empate.

Portugal foi o primeiro a marcar, por intermédio de Rui Nascimento, que bateu António Frias numa partida conduzida com muito acerto e boa técnica. Pouco depois assistiu-se ao resultado mais sensacional de todo o encontro; Francisco Lupi, em forma que pode dizer-se estupenda, derrotava António Medina, campeão de Espanha, numa partida que honrou ambos os contendores. O mestre espanhol teve ligeira vantagem posicional de começo, mas o excesso do tempo de reflexão acarretou-lhe a derrota.

Em data altura, novo momento de emoção, pois tudo indicava que Portugal, então a vencer por 3-1, mas com três tabuleiros em péssimas condições, ia contudo conseguir um honroso empate: João Mário Ribeiro dominava Arturo Pomar, «el niño prodigio». Depressa se desvaneceram porém, as esperanças dos portugueses. Ribeiro, «apertado» pelo tempo, não conseguia dominar os nervos. Pomar mostrou então ser realmente um jogador extraordinário. Com escasos minutos para uma dezena de lances, jogou até o fim com admirável presença de espírito e precisão, ao passo que o nosso jovem representante cometia um erro grave, já de todo desorientado. A Espanha diminuía assim o «score» para 2-3 e, pouco depois, triunfava sucessivamente nas três restantes partidas, fixando o resultado da primeira sessão em 5-3 a seu favor.

Na 2.ª sessão os portugueses não foram além de meio ponto

A segunda sessão teve de novo a presidência de honra do sr. sub-secretário de Estado da Educação Nacional, que foi cumprimentado pelos componentes das duas equipas. A assistência distinguiu particularmente com os seus aplausos o jovem Arturo Pomar, João Mário Ribeiro, Francisco Lupi e Rui Nascimento. A colónia espanhola estava presente em grande número.

Os representantes da imprensa foram autorizados a percorrer os tabuleiros e seguir de perto as partidas, facilitando-se assim a respectiva apreciação.

Vinte e uma horas. João Mário Ribeiro dá começo à sessão, deslocando à 4.ª casa o Peão do Rei. Quasi simultaneamente, António Medina, Gabriel Russell, Nandin de Carvalho e António Frias imitam-no. Carlos Pires e Albareda jogam o P4D. Fuentes opta por P4BD. Os lances sucedem-se em todos os tabuleiros, em ritmo acelerado, que demonstra conhecimento da matéria por parte dos grandes campeões ibéricos. As alavancas dos relógios de «controlo» não param. É impossível seguir todas as jogadas.

Começamos a nossa volta em torno dos oito tabuleiros. Aproximamo-nos do primeiro, no qual se defrontam, pela segunda vez, os dois mais jovens mestres do mundo — Pomar e Ribeiro. O portuense moveu o PD à quarta

(Continua na pág. 15)



1—Lupi, campeão de Lisboa, profundamente concentrado, executa um lance. Medina, campeão de Espanha, observa; 2—O duelo entre os dois mais jovens Mestres do Mundo: Pomar e João M. Ribeiro; 3—Russell aguarda que Perez, campeão de Madrid, faça uma jogada; 4—Albareda joga, enquanto Leonel Pires, campeão do Porto, aguarda os «reconhecimentos»; 5—Nascimento e Frias, campeão andaluz, vistos durante o «match»; 6—O dr. Ayala Botto ao felicitar o jovem Arturo Pomar; 7—Carlos Pires cumprimenta Llorens, sub-campeão de Espanha, após o empate.

O GRANDE CAMPEONATO

O BENFICA SEGUE CONFIANTE A CAMINHO DO TÍTULO

Tratando vários problemas de futebol, na análise dos desafios e do trabalho dos jogadores

Crónica de TAVARES DA SILVA

QUASI que já estávamos esquecidos do Campeonato de Portugal, ou Nacional, na nomenclatura oficial. Um domingo em falso e no outro o maior jogo de todos os tempos, interromperam o mais belo dos torneios. E apesar da competição se encontrar próximo do fim, normalmente a fase de emoção, na hipótese deste ano am período de pouco interesse, o campeonato renasceu com entusiasmo e vibração, mais uma vez se provando estarmos em plena idade da bola. Diga o que disserem os inimigos, ou os pessimistas do futebol, é indiscutível que este desporto trianfa em toda a linha. Semelhante onda de entusiasmo alguma coisa significa!

O Benfica, na 15.ª jornada, seguia confiante na estrada que o condaz em linha recta ao trianfo. As perspectivas da sua vida não podem ser melhores nem de mais alegres cores. A diferença, aparentemente precária, de um ponto de supremacia sobre o segundo classificado, como já acentuámos, só a uma vista pouco atenta lhe poderá dar preocupações. Entrando embora com todos os incidentes do jogo — a bola é redonda — não se vê como o título lhe poderá fugir, faltando-lhe apenas três provas fracas, os dois Vitórias no seu campo e a viagem ao lar do Salgueiros. Praticamente — o problema parece solucionado. Já temos campeão nacional.

Os resultados da ditima jornada foram os seguintes:

Benfica	7	—	Pôrto	2
Belenenses	2	—	Estoril	1
Vitória (Setúbal)	3	—	Olhanense	2
Vitória (Guimarães) ..	3	—	Sporting	3
Salgueiros	2	—	Académica	1

Ninguem, em seu campo, perde. O empate de Guimarães, se não tem o valor de três pontos na tabela, vale como trianfo moral. Os resultados verificados não impressionam, a não ser no que diz respeito à eficiência da linha atacante do Benfica — e ao que representa da parte do grupo de Guimarães fazer três goals à excelente defesa sportinguista.

É certo que a avançada benfiquense nos tem acostumado a estes presentes. Não vivendo pela força ou vigor, mas sim pela habilidade, trata-se de uma linha de especial vocação para marcar bolas, à qual um goal outro puxa. Apesar de se ter em conta que o Pôrto se apresenta falho de titulares, e ainda às dificuldades de organização do grupo, julgamos sintomática uma vitória benfiquense tão expressiva. Os goals são uma expressão da lei da forma.

O caso de Guimarães também fornece indicações, mais a respeito do Sporting do que do Vitória. É evidente que qualquer team poderá empatar ou perder naquela cidade, visto o clube, seu titular, nos ter acostumado a esses cometimentos. Desta vez, porém, o carácter do empate reveste-se de significado especial. É que o ataque sportinguista cumpria o seu dever, marcando três bolas. Mas a defesa — periclitando o trio do team português — consentiu três goals. E isto indica que...

Bem sabemos que o factor chance exerce influência nas partidas. Possivelmente, o Vitória (Guimarães) teve felicidade nos remates: uma das bolas resultou de grande penalidade. Mesmo assim — eis uma indicação. Não se esqueça uma coisa: que, nos desafios, há sempre lugar para a sorte e para o azar, a cara e a cruz. A Académica, por exemplo, tem sobejas razões para fazer um apelo especialíssimo à deusa da fortuna.

Nesta jornada deram-se vários acontecimentos que não podem passar em claro, principalmente um deles: a reaparição de Amaro. Há muito que se falava no regresso do grande médio-direito, e quasi descorçoávamos já de o ver — quando se dá o facto. O jogo da bola ganha com isso. O conhecido internacional reaparece na altura oportuna, dada a dificuldade que ainda ultimamente se verificou na organização da linha medalhar nacional. Porque se trata de um rapaz activo, muito agarrado ao jogo, vislumbamos o que seria o seu estado de espirito ao pôr o pé na relva, como jogador oficial. Isso nos leva a jantar a nossa felicitação à de tantas outras pessoas.

Também se deve anotar a colocação de Espírito Santo e Cabrita, respectivamente no eixo do ataque benfiquense e no posto de interior-esquerdo do clube algarvio. As exigências clabistas e de competição estão, algumas vezes, em oposição com as necessidades da selecção portuguesa. Na hipótese de Cabrita vê-se que o algarvio procura adaptar-se completamente, talvez por conselho do seleccionador, ao lugar de meia-ponta. Registe-se uma triste ocorrência: a inutilização de Catolino, nam treino de quinta-feira, dia 15, com fractura nam tornozelo.

Na classificação geral encontram-se nos três primeiros postos grupos de Lisboa: Benfica, Belenenses e Sporting. Em quarto, o Vitória (Setúbal) e em 5.º o Pôrto, colocando muito bem as suas

regiões. O menos categorizado de Lisboa está em 6.º. Vem depois Olhanense e Vitória (Guimarães) com pontuação condigna. Académica e Salgueiros fecham o cortejo. Parece que a classificação geral deste campeonato obrigará à reflexão — para o futuro.

Supremacia incontestável do Benfica.

O Pôrto não se importou com o resultado: também queria atacar...

No campo Grande, a superioridade do Benfica foi nítida e inofismável, isto é, do principio ao fim. Em avalanche. O próprio vencido deve ter reconhecido que o seu adversário jogou melhor. Não significa isto que o dominio encarnado tivesse sido ininterrupto. Também se registaram avanços, e perigosos, do lado portuense.

Mas a melhor organização lisboeta surgiu em toda a luz: médios e avançados numa ligação vistosa e perfeita, dando-se a jogo eminentemente de ataque e pondo em alvoroço, a todo o momento, a defesa do campeão do Norte. Os atacantes lisboetas puderam dar-se a caprichosos movimentos de ofensiva, excelentemente orientados, aos quais não faltou a devida eficiência.

No entanto, deve dizer-se que o volume de goals se deve à circunstância do team portuense nunca ter perdido a ideia do ataque, ou da réplica, sempre que caso disso. Team que, dominado, não cerra fileiras, e abre o jogo, aventurando-se no terreno — sujeita-se a duras provações. Estas palavras não têm, de resto, aspecto de censura. Gostamos da audácia, isto é, do jogo que não se confina exclusivamente no pensamento do resultado. Sob o ponto de vista pratico — tal pode constituir uma calamidade. Como realmente constituiu.

Quando a um ataque vivo e rápido se opõe uma defesa oportuna e feliz na antecipação — dificilmente as vitórias chegam a grandes desníveis. No domingo, porém, a defesa do Pôrto, principalmente Galhar, esteve desastrosa ao inferior e todo o panorama do encontro deverá ser visto à luz da actuação do ataque benfiquista e da defesa portuense. Ao chegar o intervalo já o Benfica vencia por 3-0, e isto, é evidente, representava a maior das confianças para um lado, e a desconfiança para o outro. Daí por diante — o jogo podia ser repousado. Tal não é característica daqueles lisboetas. São dos que insistem. Quanto mais têm — mais querem.

No Pôrto, deverá destacar-se o trabalho dos interiores, os que pretendiam organizar ataques, não secundados pelos extremos, os mais fracos. E ainda dizer que Barrigana teve de lutar contra os avançados contrários, e também contra os seus protectores. Sempre terrível quando o protegido desconfia da protecção!

No Benfica, a vivacidade e ligeireza de Espírito Santo tornaram-no o alvo das atenções gerais, assim como a infatigável actividade do laborioso Teixeira e a habilidade e o b-pontado de Mário Reis. Francisco Ferreira, na sua verdadeira posição, brilhou a grande altura. Rosa, o guarda-rédes, também fez o suficiente para o seu nome se destacar. Eis um guarda-rédes que aos poucos ganha celebridade.

Um resultado que dá ideia de dificuldade que, teoricamente, não existiram

Nas Salésias, o Belenenses venceu com dificuldade. Mas o resultado corresponderá ao jogo desenvolvido? Quere dizer, tal dificuldade deriva do resultado que se verificou ou foi real? Atentemos em que os azuis sofreram uma bola contra a chamada corrente do jogo, e marcaram dois goals quando insistiram denodadamente, entregando-se ao ataque — podendo nessa altura ter marcado mais alguns goals se, mais uma vez, não viesse ao de cima a falha do remate belenense. Um ataque cuja eficiência não corresponde aos seus méritos.

O desafio comportou duas partes diferentes — a primeira nada tendo que ver com a segunda. Um primeiro tempo francamente inferior, com lances mal delineados e frequente atropelamento de posição, e choque de intenções. Os jogadores sem se perceberem uns aos outros. Em contraste, uma segunda parte viva, movimentada e mais alegre, por parte dos belenenses. Mesmo pelo lado do Estoril.

Cremos que a melhor organização no terreno foi sempre a do Belenenses, jogando o seu ataque na característica fórmula de driblings e passagens curtas — ainda que a preocupação do lançamento dos extremos se tornasse notória. O Estoril, no estilo do jogo de posição, procurou opôr-se com felicidade às investidas do adversário, e por sua vez explorar as oportunidades dadas pelo decorrer da luta. Tendo uma tarefa cheia de felicidade na primeira parte — viu cair por terra, na segunda, as suas aspirações.

Concluindo, pode dizer-se que a partida das Salésias teve um desfecho certo. Quanto a qualidade de futebol — deixou muito a desejar. Os dois grupos podem fazer mais e melhor. A sua medida é mais elevada.

Amaro mostrou que pode ser ainda o grande jogador que nos acostumamos a ver. A sua tarefa no segundo tempo é da garra dos jogadores excepcionais, pela habilidade da execução, inteligência da passagem e visão do lance a realizar. No ataque, sobressairam Quaresma e Rafael; e na defesa, Capela e Vasco, que se vem afir-

mando um valor positivo. No Estoril ponha-se em primeiro lugar Valongo, dadas as suas intervenções sempre certas. Citem-se também Pereira, Alberto e Vieira.

A superioridade dos setabaleses e o espírito de luta dos algarvios

O desfilio dos Arcos foi curioso. Isto não significa bom jogo; mas pode dizer-se, no entanto, competição cerrada, o que realmente sucede quando dois grupos se dão à luta na sua verdadeira escala de valores. A verdade é que nenhum dos *teams*, nem o Vitória (Setúbal) nem o Olhanense, qualquer deles pretendendo ser o melhor representante da província, jogou bem. Tanto os setabaleses como os algarvios fizeram, no entanto, pela vida. Com coisas belas; uma ou outra vez um relâmpago. Porque se sabe e está de o jogo como nunca — vamos estando muito exigentes. Ora, a competição não se compadece, algumas vezes, com o chamado estilo futebolístico. Mormente quando se trata de duas forças que querem impôr-se. E acima de tudo, vencer.

Visto o jogo no seu conjunto — a ideia é de que o Vitória (Setúbal) venceu facilmente. Um *team* que chega a 3-0, e graças à sua melhor combinação e maior rapidez, não pode deixar de vencer.

Por outro lado — um grupo que sofre 3-0 vive o seu momento psicológico de desânimo. Ordinariamente. E assim o dizemos, porque às vezes os *teams* encontram na sua desgraça a energia para a ascensão. Ora, isto é que nos parece singularmente notável nos algarvios. Eis um grupo que luta sempre — talvez mais a perder do que a ganhar, a tempera dos grandes *teams*. A prova está, viva e palpitante, neste último desfilio dos Arcos, em que a coragem já jamais abandonou os da extrema sul do País.

Diz-se, e talvez seja verdade, que o guarda-redes setabalesense teve calpas nos dois *goals* algarvios. Acreditamos. Mas um onze que, a perder por três bolas, ainda tem forças, já não dizemos para executar as duas bolas mas para criar estas situações de *goals*, não é, decididamente, uma vulgar equipa. Antes um grupo que reage e luta — sejam quais forem as contingências.

O melhor elemento em campo foi Nanes, o extremo direito, modelar impulsador da linha da frente e aquele que transportou o jogo da defesa para o ataque. Graziña, o que persiste em ser potato, também se destacou no campo algarvio. A luta pessoal entre Peixoto, o médio, e Cabrita, o avançado, comportou aspectos muito curiosos, resolvendo-se com honra para ambas as partes.

Características dos encontros disputados em Guimarães e no Porto: falta de ligação

O desafio Vitória (Gaimarões) — Sporting transformou-se em bela jogada de propagação. Foi realmente pena que o jogo propriamente dito não correspondesse à recepção e ao entusiasmo.

Os *leões* jogaram sem ligação, cada unidade esquecendo-se do seu companheiro. Em semelhante estilo, é bem de ver que os elementos de melhor classe sobressairam, tentando individualmente abrir o caminho da vitória, conquistando o triângulo para o seu grupo. Neste pormenor, e no ataque, destacaram-se dois homens: Albano e Peyroteo, que procuraram desempenhar sózinhos uma tarefa que deveria ser distribuída por todo o conjunto atacante. Mesmo assim, as suas poderosas qualidades fizeram qualquer coisa de prático: foram, em boa verdade, dois que valeram por cinco.

Mas está já a ver-se que semelhante orientação favoreceu o trabalho defensivo dos locais que, com energia, boa posição no terreno e bravura, diminuíram ao mínimo o perigo que partia daqueles referidos elementos.

O Vitória (Gaimarões) também jogou desunido, isto é, com deficiente ligação de célela para célela e compassos de espera no endosso da bola. Num terreno de dimensões escassas sucederam-se os choques entre jogadores, e não se tendo passado do golpe

As primeiras corridas de 1945

QUE grande corrida poderia ter feito a equipa do Sporting na prova dos 50 quilómetros, disputada no domingo, para começo da temporada de 1945! Sem adversários, pois os corredores do Desportivo da Iluminante não alinharam e dos quatro representantes do Sangalhos só Túlio se mostrou capaz de lhes dar réplica, os «leões» — 6 contra 1 — se quizessem, haviam-se entreajudado, pondo de parte a ideia de vencer de qualquer modo, e então, «puxando» cada um seus dois e três minutos de prova, teriam não só proporcionado luta e competição de mérito, como conseguiriam desvanecer a ideia, formada no espírito do público, de que há muito só triunfam na embalagem final. Como, porém, lhes faltou algo de brio, os sportinguistas venceram — mas gastaram para cobrir os 50 quilómetros 1 h. 42 m. 31 s., apenas menos 2 m. que os amadores, quando em 1944 a superioridade dos independentes foi, em relação aos «puros», de quasi 6 minutos.

É certo que no espírito dos corredores havia a ideia da selecção para a possível participação na «Volta a Espanha», que parece ser feita pelas classificações obtidas e não pelo comportamento de cada um. Mas isso não obstará a que se tivesse «andado» um pouco mais...

E já que falámos em selecção, pode desde já fixar-se que a classificação dos 50 quilómetros — prova curta, que pouco diz — não corresponde, no entanto, ao mérito do porte dos corredores na estrada. Por exemplo, Aristides e Mourão, e mesmo Túlio, foram mais voluntariosos que os adversários chegados à sua frente.

Nos amadores a luta esteve algo mais viva, demonstrando os homens do Lisgás nitida su-

O XXXV aniversário do Sport Grupo Sacavenense

O Sport Grupo Sacavenense está já a festejar o seu 35.º aniversário, dando cumprimento ao programa que elaborou e que se prolonga até 15 de Abril próximo.

dado, o jogo perdia em beleza — pela falta de lances claros e geométricos.

Nenhum homem do Sporting (excepção para Peyroteo, com os seus três *goals*, e de Albano) atingia nível superior. Note-se que o melhor comportamento do Vitória (Gaimarões), foi o trio defensivo formado por Machado, Carado e João, ainda que também se salientasse o trio avançado.

O desafio Salgueiros-Académica decorreu em certa medida, equilibrado. Quere dizer, nenhum dos grupos conseguiu impor *domínio territorial*. Pelo contrário, as avançadas sucederam-se nam e no outro campo, mais devido à energia posta na luta do que a jogo ligado. Por vezes, faz-se pela força o que deveria fazer-se pela habilidade. Casta mais, porém. E o esforço é maior.

Foi essa, de resto, a característica do encontro: jogo impreciso por alto e a maior das energias na luta. Como o desafio decorreu, podia ter ganho qualquer dos *teams*. Afinal venceu o Salgueiros, por maior felicidade no remate, e nada ha que dizer sobre o assunto.

A verdade é que, tanto nam lado como no outro, se sucederam as chamadas ocasiões de *goal* — sem aproveitamento útil. Os académicos, verdade seja, remataram melhor que os salgueiristas, mas a esplêndida exibição do guarda-redes portuenses chegou para todos os cometimentos.

O árbitro impôs a sua autoridade para que o jogo não passasse dos justos limites de luta atlética. Conseguiu o seu objectivo. Lemos e Joaquim João distinguiram-se na Académica, assim como João I, Rebelo e Costa no Salgueiros.

perioridade, quer à chegada quer no comando das operações. Ernani e Aristides pareceram-nos já em «forma» apurada. Nos «leões», Domingos Jacinto, talvez o seu melhor «novo», está «pesado», certamente por motivo de treinos longos. Féria teve boa estreia na estrada e é homem para ser trabalhado.

Em iniciados, J. Camelo obteve a vitória que há muito merecia, dada a sua habilidade. Nesta categoria apareceram alguns elementos com habilidade, tais como Jorge Parreira, Juviano Helder Domingues, Fernando Pinto e Agostinho Pinto. São elementos para preparar e que podem ser «alguem» no ciclismo.

Gaspar Paulo, revelação da «Prova Iniciação» e corredor que deve, dada a sua idade, passar de categoria — foi infeliz.

Organização cuidada de todas as provas, com chegadas na pista do Lumiar, facto que deve ser aceite com regosijo. Um reparo apenas: a distância da prova de veteranos foi demasiada, tanto mais que o percurso era difícil.

Como notas especiais neste abrir de época deve assinalar-se: a reparaçao do Belenenses; a ausência do Benfica, tanto mais que este clube tinha em 1944 equipa de valor e numerosa de iniciados e alguns amadores que poderão progredir se os orientarem com carinho e vontade; a vinda do Sport Lisboa e Alenquer às provas oficiais; e a ausência dos homens do Desportivo da Iluminante.

A ordem da chegada dos corredores nas diversas categorias foi:

Independentes — Lourenço, Rebelo, Aristides, Inácio, Mourão, Túlio, Baltazar, José Ferreira e Albuquerque. Tempo: 1 h., 42 m. e 3 s.

Amadores — Seniores: Ernani, Aristides, Tavares e Paulo Ribeiro. Juniores: Faria, António Maria e Fialho. Tempo: 1 h., 44 m. e 32 s.

Iniciados — J. Camelo, António Rafael e Manuel Gouveia. Tempo: 1 h., 59 m. e 32 s.

Veteranos — Helder Cunha, Santana, Madeira e Dias. Tempo: 2 h., 12 m. e 9 s.

As provas foram disputadas no percurso Campo Grande-Malveira, com uma volta na povoação e regresso à pista do Lumiar.

GIL MOREIRA

Excursão em bicicleta

organizada pelo G. Ciclo-Turista «Os 15»

O Grupo Ciclo-Turista «Os 15», continuando na divulgação e propagação do excursionismo em bicicleta, organiza no próximo domingo uma excursão a Alhandra, com inscrição aberta a todos os clubes desportivos, recreativos ou de carácter corporativo.

Os concorrentes formarão grupos, como desejarem, e partirão das suas localidades a horas de se concentrarem, pelas 11.30, entre a fábrica de cimento e as cancelas da passagem de nível, em Alhandra, desfilando até à sede do Alhandra Sporting Clube, onde o Grupo Ciclo-Turista «Os 15» entregará uma recordação deste passeio.

Depois reúnir-se-ão no alto da serra, próximo da memória, em almoço de confraternização.

Será então sorteada, entre os clubes concorrentes, a taça de prata denominada «Alhandra Sporting Clube», e entre os ciclo-turistas três peças para bicicleta.

A inscrição é grátis.

O Grupo organizador pede aos concorrentes que entreguem as equipas dos clubes que representam ou coloquem pequenas bandeiras nas bicicletas.

O sol nas praias

Durante a época balnear, a natação encerra o maior prazer para os frequentadores das nossas excelentes praias. Após o vivificante e completo desporto, o repouso na areia, sob um bom toldo, é agradabilíssimo — principalmente se se dispuzer de um dos optimos toldos da Fábrica Portuguesa de Encerados, cujas casas, na rua do Vale de Santo António, 71 e 73, e no Cais de Santarem, 66 — telefones 24085 e 24086, atendem prontamente todos os pedidos do género, uma das suas especialidades.

O BENFICA segue e o BELENENSES... persegue!



NO CAMPO GRANDE: Telsira acaba de rematar do cabeça um magnífico gol.



NO CAMPO GRANDE: Um dos sete tentos do Benfica, que entrou a rogar o poste.



NAS SALESIAS: Vasco corta de casa um perigoso passe, mas Capela está atento.



NAS SALESIAS: Quaresma teve no domingo outra boa tarde. Ele-lo em luta com a defesa astorilense.



NO PORTO: Ao lado, Mário alvia. Oliveira II não conseguiu marcar. Em baixo: uma defesa do Salgueiros que dispensa comentários.



NO CAMPO GRANDE: F. Ferreira, o magnífico médio, venceu os olhos a um adversário.



NO CAMPO GRANDE: Toris Borréaga conseguiu segurar esta bola?...



EM SETÚBAL: Ayrão sugere um remate de Rodrigues. Em baixo: Outra magnífico remate — e um tento para o Vitória.



NAS SALESIAS: magnífico estirão de Capela!



ATLETISMO

Uma dúzia de exercícios gymnásticos de preparação física...

IX — ... para os lançadores de disco

Aviso prévio: Não se trata aqui de esquemas de lições de gymnástica, mas apenas de uma escolha de alguns entre os muitos exercícios que melhor correspondem às necessidades de preparação física especializada destes atletas.

Também não escrevi estas notas para professores; esses não precisam do meu conselho. Escrevi para os rapazes que trabalham sem assistência de técnico competente e por isso redigi o enunciado dos exercícios fora das regras da terminologia oficial, de maneira a ser compreendido por eles aquilo que pretendo explicar.

SALAZAR CARREIRA

1—Em sentido: circundação alternada do braço esquerdo e direito, primeiro de diante para trás, depois de trás para diante e também cruzada anterior.

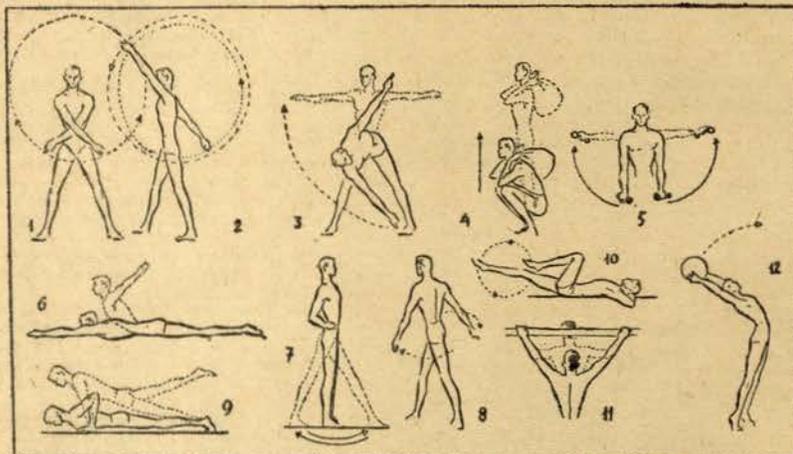
Progressão: circundação simultânea, partindo com um braço pendente e o outro em elevação superior; circundações com um pequeno peso na mão. (Fig. 1 e 2)

2—De pé, pernas afastadas, braços em extensão lateral: grande flexão e torção do

8—De pé, pernas afastadas, braços caídos em relaxamento: rotações lançadas do tronco para a esquerda e para a direita, servindo os braços de balancetes. (Fig. 8)

9—Queda facial: flexão dos braços e extensão com elevação simultânea da perna esquerda ou direita à rectaguarda. (Fig. 9)

10—Deitado dorsal, mãos debaixo da cabeça, cotovelos assentando no solo, pernas levantadas a menos de 45°: pedalagem. (Fig. 10)



tronco à frente, tocando com a mão direita no pé esquerdo e lançando para trás o braço esquerdo, sempre em afastamento lateral; repetir em sentido inverso. (Fig. 3)

3—Pés em afastamento antero-posterior, pé esquerdo em frente; braços em afastamento lateral: flexão e torção do tronco para trás, flectindo também a perna direita; mão direita recuada e descida. Extensão brusca da perna e do tronco, lançando para diante e para cima o braço direito, enquanto o outro desce e recua (tempo final do lançamento).

4—Pés unidos, suportando a sôbre os ombros um peso crescente com a progressão do exercício: grandes flexões dos joelhos, alternadamente, levantando os calcanhares e mantendo-os sempre assentes no solo. (Fig. 4)

5—De pé, segurando nas mãos pequenos alteres, cujo peso se regulará pela capacidade do executante e aumentará progressivamente: elevações laterais dos braços até à horizontal, depois mais alto, mantendo sempre as unhas para baixo. (Fig. 5)

6—Deitado facial, braços estendidos acima da cabeça, no prolongamento do tronco: extensão dorsal, levantando o corpo quanto possível e lançando os braços para os lados e para trás. (Fig. 6)

7—De pé, mãos nos quadrilhos: saltitar sôbre as plantas dos pés com afastamento antero-posterior das pernas, cruzando-as em cada movimento. (Fig. 7)

11—Suspensão na trave, mãos mais afastadas, bastante mais afastadas do que a largura dos ombros: elevações passando a cabeça pela frente da trave (a nuca encosta à trave), sem avançar o queixo nem flectir a cabeça adiante. (Fig. 11)

12—De pé, pernas afastadas, braços em elevação acima da cabeça, segurando nas mãos a bola medicinal: projecção da bola para a frente, tomando balanço pela flexão do tronco à rectaguarda. (Fig. 12)

Corrigenda—Na última tabela de exercícios, correspondente ao salto à vara, dois desenhos, os n.ºs 4 e 11, não interpretavam exactamente o texto relativo, pelo que voltamos a publicá-los hoje devidamente corrigidos.

Acresce que a fig. 11 diz respeito ao exercício n.º 11, e não ao seguinte — como por lapso foi indicado.



ESGRIMA

O torneio de terceiras categorias de sabre

Bom nível técnico de um grupo de novos Vitéria justa de CARLOS GRANATE

EXCELENTE, este torneio de terceiras categorias de sabre, com um bom grupo de concorrentes, em condições técnicas que há bastante tempo não víamos em provas deste género e nesta arma.

A esgrima portuguesa beneficiou, durante largo período dos últimos quinze ou vinte anos, do impulso recebido dos atiradores militares e da «Mocidade», este mais tarde. Depois, o esforço de aquêles perdeu-se em grande parte, pela extinção da Escola de Educação Física do Exército. A «M. P.» continuou, em boa parcela, a obra da referida Escola, todavia em condições diferentes, posto que não pode crear mestres, dadas as suas características.

Voltamos agora, felizmente, a vêr o meio militar em actividade. Não só a Escola do Exército está a fomentar mais e melhor a cultura do belo desporto das armas, como a recente criação do Curso de Instrutores de Esgrima—que poderá ser o prolongamento da E. E. F. E.—veio proporcionar, além do aproveitamento de magníficas aptidões que se perdiam, a formação dos professores que carecemos para a difusão da esgrima e para o seu progresso. Bem haja quem conseguiu pôr de pé tão oportuna iniciativa. Oxalá que continue a encontrar de quem de direito o patrocínio e auxilio necessários ao seu desenvolvimento, que encerra promessas excelentes para a causa de um desporto de forte e justificado prestígio em Portugal, afastando-o da letargia que ameaçava paralisá-lo.

Neste torneio oficial da F. P. E. apareceu, como frizámos, um lote de sabristas a desenvolver já boa esgrima. Mais fortes uns do que outros, como não pode deixar de ser, todos merecem ser envolvidos no mesmo elogio, até pelo seu magnífico espirito desportivo. Mesmo sem nos ser possível seguir o desenrolar de todas as «poules», posto que se disputaram simultaneamente, pudemos verificar com prazer que a preparação da maioria dos concorrentes era muito superior à que nos habituámos a vêr nestas provas de terceiras categorias.

Após quatro eliminatórias e duas meias-finais, dos 23 esgrimistas presentes figurava no final um grupo de certo modo homogêneo, dos quais se salientaram então Carlos Granate, do C. I. E., e Carlos Cardoso, da E. E. O primeiro foi o vencedor—com incontestável justiça—e afirmou-se esgrimista de bom futuro. A exibição do segundo, já com óptimas provas prestadas quando representava a «M. P.», acompanhou-o de perto mas exhibiu-se com menos regularidade.

No plano imediato collocaremos Ferreira da Silva, Mário Delgado e Cirne Pacheco, da E. E., também de muito bom intuito. Depois Dantes Maia—o único finalista estranho ao meio militar, pois representava o I. S. Técnico,—Correia da Silva, do C. I. E., e Roche Simões, da E. E., todos a formarem um grupo apreciado.

As meias-finais excluíram atiradores que prometem, como Carlos Aires, do C. I. E., que Castelo Branco, da E. E., e Mechedo da Silveira, do C. I. E., acompanharam a pouca distancia. Da mesma maneira a maioria dos eliminados no primeiro grau da prova mostrou aptidão digna de cultivar.

Podemos repetir: excelente, esta prova de terceiras categorias de sabre. E para coroar tão boa impressão até F. P. E. conseguiu que a sua disputa se limitasse a duas noites—exemplo raro, para o qual contribuíram alguns categorizados esgrimistas, que se prestaram espontaneamente ao papel ingratu de simples vogais dos jurts. Oxalá possamos continuar a registar factos dâste género.

A. M.

Lisboa Clube Rio de Janeiro

Nesta colectividade encontra-se aberta a inscrição para todos os sócios e simpatizantes que desejem representar nas seguintes modalidades: futebol, basquetball, pugilismo e ténis de mesa.

Os Júniores da A. F. L.

PUGILISMO AMADOR

O campeonato de júniores da A. F. L. prosseguiu no último domingo, com a mesma regularidade das jornadas anteriores, não obstante faltarem só duas «saídas» para que as «poules» de apuramento dos finalistas fiquem concluídas e os clubes que hão-de passar à fase seguinte serem quasi todos conhecidos.

Com efeito, apenas, está por esclarecer qual será o segundo classificado da 1.ª série. A outra dúvida que subsiste está em conhecer o vencedor da 2.ª série: se o Sporting, se o Benfica.

Temos, portanto, certos da passagem à final, o Atlético, o Sporting, o Benfica, o Fósforo e o Belenenses (A). O Estoril ou o Belenenses (B) completarão o sexteto.

No domingo, como sempre, foi na 1.ª série que se verificaram resultados mais nivelados. Ei-los: Belenenses (B)-Paço de Arcos, 3-0; Cascais-Atlético, 1-2; Estoril-C. U. F., 2-0; Olivais-Parede, 1-3.

Os «azuis», agora mais regulares do que no começo da prova, foram os que obtiveram margem mais confortável, não devendo esquecer-se, contudo, que o adversário é um dos «lanternas-vermelhas».

O Atlético, vencedor da série, experimentou dificuldades contra o outro clube que ocupa o último lugar da classificação. A vitória do Estoril é normal. Mais de assinalar é a vitória do Parede sobre o Oeiras, tanto mais que foi obtida no campo do adversário.

Classificação actual: 1.º Atlético, 35 pontos; 2.º Belenenses (B), 28; 3.º Estoril, 27; 4.º C. U. F., 25; 5.º Oeiras, 24; 6.º Parede, 23; 7.º Cascais e Paço de Arcos, 15.

Na 2.ª série houve resultados mais nítidos: Cascalheira-Desportivo Operário, 6-0; Benfica (A)-Casa Pia, 5-0; Sporting-Palmense, 3-1; Arroios-F. Benfica, 2-0.

Destes resultados, todos mais ou menos previstos, só o dos «leões» pode merecer reparos pela sua escassez. Justifica-se, todavia, pois o Palmense jogou com entusiasmo e replicou bem.

Os «encarnados» defrontaram também uma equipa animosa, mas firmaram a sua superioridade.

O Arroios não foi além de dois «goals». Compreende-se: os benfiquenses estão a evidenciar melhoria e o Arroios parece decair em relação ao princípio da época.

Por último, o Cascalheira, que não quis ficar atrás dos companheiros — e como de-

O «Torneio de iniciação» organizado pela Associação de Lisboa

ESTÁ marcado para o dia 24, organizado pela Associação de Lisboa, em local ainda a designar, o «Torneio de Iniciação» (estrepantes) para amadores, que se pretende disputar anualmente.

Segundo anuncia o regulamento da prova, só poderão concorrer sócios de clubes filiados na referida Associação e que sejam maiores de 18 anos. O torneio será disputado por meio de eliminatórias após uma derrota e os combates compõem-se de 3 assaltos de 3 minutos, ou de 4 assaltos, se houver empate de pontos no final do terceiro.

Os jogadores serão sorteados entre si, bem como os combates para cada dia de provas, se o número de concorrentes por categoria for elevado.

Dispõe também o regulamento do «Torneio» que é condição de desempate a maior lealdade e técnica exibida pelos jogadores, se no fim de quatro assaltos estiverem iguais em pontos.

Esta cláusula parece-nos destituída de lógica, porque: não se definindo exactamente o que seja ou se entenda por técnica e o modo de a apreciar em qualidade e quantidade, as decisões do júri, nos casos extremos, hão-de ser

frontou o último classificado não evitou chegar à meia dúzia...

Classificação actual: 1.º Sporting, 34 pontos; 2.º Benfica, (A), 33; 3.º Casa Pia e Arroios, 26; 5.º Cascalheira, 24; 6.º Palmense, 18; 7.º F. Benfica, 16; 8.º Desportivo Operário, 13.

Na 3.ª série, Chelas-C. P., 1-1; Operário-Benfica (B), 1-4; Belenenses (A)-Sacavenense, 10-0.

Para os «azuis» foi o melhor resultado da jornada, admissível pela diferença de valor que as duas equipas têm revelado.

Os «encarnados» venceram justamente o Operário e o C. P. já não parece o «steam» perigoso de há semanas atrás.

Classificação: 1.º Fósforos, 29 pontos; 2.º Belenenses (A), 27; 3.ª Benfica (B), 23; 4.º C. P., 20; 5.º Chelas, 18; 6.º Operário, 15; 7.º Sacavenense, 12.

D. D.

HIPISMO

José Beltrão ganhou no domingo

O comportamento dos dois cavalos com que José Beltrão concorreu às «poules» deste ano, organizadas pela Sociedade Hípica, fazia prever uma vitória para breve e por isso mesmo o resultado obtido no último domingo não surpreendeu; a parte curiosa foi unicamente o seu triunfo nas duas provas que se disputaram.

Para a taça «S. H. P.», o «Squalus», levado em galope rapidíssimo, conseguiu um tempo impossível de bater e sem faltas, o que o colocou à frente da classificação, de onde não mais saiu. Para a taça «Rodrigo Castro Pereira» o «Kirsh» — 3.º na penúltima prova e 2.º na última — alcançou um dos quatro percursos limpos, em 1 m. 27 s. 2/5, ganhando a «poule» com brilho. Este cavalo, submetido a tratamento aturado, melhora consideravelmente, alimentando-se a esperança de o ver voltar à antiga forma. Não esqueçamos que foi ele o vencedor do Grande Prémio de Lisboa em 1940.

Na primeira «poule» disputada no domingo assistimos ainda a uma boa prova de «Bagdad», que Joaquim Leote conduziu com a vontade e que se colocou em 2.º lugar, seguido de «Ulan», que alcançou o seu primeiro laço, montado por António Romão. De assinalar foram ainda os percursos de «Capri», «Sentos», «Marvão» e «Xaraque», todos sem faltas, e o de «Tobruke»,

que D. Maria Tereza Ivens Ferraz conduziu com a habitual correcção mas com um derrube.

Para a taça «Rodrigo de Castro Pereira» houve apenas quatro percursos limpos, o que se atribui mais ao estado do terreno, excessivamente rijo, do que à dureza da prova. Foram êles, além do vencedor, os do «Montes Claros», com Wolmer, de «Belver», com Mena e Silva, e de «Barrufo», conduzido por D. Fernanda Leote em magnífico andamento.

O mais rápido percurso fê-lo a «Inquiridora», mas dois derrubes — o que não é vulgar nela — tiraram a José Granate todas as possibilidades de prémio. O «Congo» deu por sua vez um toque que se não esperava, afastando o capitão Reimão Nogueira dos lugares da frente.

Boa prova de Joaquim Barreto, no «Selectos», apenas com uma recusa, e ainda as de «Nitchevo», «Zelante» e «Xairel», montados por José Toscano, Castro Pereira e José Morais, todos êles com um derrube.

Voltamos a chamar a atenção da Sociedade Hípica para o facto de se permitir permanência de público na escada da tribuna, o que prejudica as pessoas que ali ocupam os lugares da primeira fila. É certo que a medida tomada no domingo melhorou a visibilidade — mas ainda não é o suficiente.

ANTAS TEIXEIRA

fantasistas e desarmónicas; a lealdade dos combatentes é atributo imperioso e regulamentar. Quando não for absoluta influi na marcação dos pontos e pode determinar a desclassificação do prevaricador. Parece-nos pois aleatório contar com ela como factor de desempate.

Há outros pormenores importantes, fáceis de definir e analisar e que não influem na atribuição de pontos, por conseguinte mais próprios para desempatar nas condições propostas. Mas adiante...

A constituição do júri, excluindo ao que parece o árbitro desse agrupamento, é pouco justificável, pois o «terceiro-homem» é o mais bem colocado para apreciar o trabalho dos pugilistas. Além disso, podendo suspender um combate ou proclamar o *knockout*, parece ilógico que não seja ouvido o seu parecer nas decisões por pontos.

Outra passagem em articulo non feru a sensibilidade. Trata-se do art.º 8.º, assim redigido: «As decisões dos juizes e árbitro são irrevogáveis, não sendo aceitas reclamações. A A. P. L. reserva-se, porém, o direito de alterar as decisões quando se verificarem infracções disciplinares.»

Este artigo — ou está péssimamente redigido ou é profundamente anti-desportivo. Se as decisões são irrevogáveis — conforme se diz — ninguém pode modificá-las a não ser que houvesse engano na escrutinação dos boletins, na adição dos pontos, ou na leitura dos mesmos, tudo devidamente comprovado e esclarecido; houvesse confusão ao indentificar o pugilista vencedor; houvesse desacôrdo imediato entre o árbitro e os restantes juizes e o primeiro haja decidido sem consultar os segundos nomeados.

Nas três hipóteses expostas, a A. P. L. poderá fazer rectificações ou anulações de resultados se for possível repetir a prova. Em todos os outros casos, julgamos que é de melindre extraordinário proceder como se anuncia no articulo respectivo.

Talvez que a ideia do redactor fôsse outra e pouco mais ou menos do teor seguinte: «A A. R. L. desclassificará todo o pugilista que tenha saído vitorioso por meio de fraude ou por se encontrar fora das condições deste Regulamento, mesmo que o facto só se esclareça no final do torneio. Neste caso, serão considerados nulas e sem efeito as vitórias que tenha alcançado.»

Estamos convencidos de que um clube prejudicado pela alteração da decisão do júri, recorrendo superiormente, acharia todo o apoio das instâncias superiores se o caso não estivesse absoluta e concretamente justificado.

RAFAEL BARRADAS

Aos nossos leitores da província

STADIUM vai passar a arquivar nos seus páginas os acontecimentos desportivos da província mercedores de relêvo. Assim, convidamos todos os nossos leitores a enviarem-nos fotografias que encerrem interesse directo para o movimento desportivo das regiões em que vivam, fotografias que publicaremos com todo o prazer desde que permitam uma reprodução perfeita. As mesmas fotografias deverão ser acompanhadas de correspondente informação, para que as respectivas legendas refiram o mais saliente pormenor do acontecimento focado.

O DOMINGO desportivo



EM LISBOA — O Benfica venceu os campeonatos de «corça-mato»: 1 — Uma fase das provas; 2 — A equipa de juniores dos «ancarnados»; 3 — A equipa de seniores; 4 — João Silva, o popular campeão benfiquense. O Sporting cuida da preparação dos seus atletas; 5 — Grupo dos concorrentes ao torneio que efectuou no Lumiz; 6 — Algumas sentis desportistas do clube «leonino» fazendo ginástica ao ar livre. Campeonato Universitário de «crubby»; 7 — O «quintão» do I. S. de Agronomia, que conquistou o título, vencendo a E. Exército por 6-0. NO PORTO — Campeonatos de «corça-mato»: 8 — A equipa vencedora (F. C. Dôrto) rodeando Bernarda (Salgueiros), que triunfou individualmente. Ciclismo: 9 — Império dos Santos sanha os 50 kms. para independentes. EM COIMBRA: 10 — No João Fomalico-Boavista, o deuses Cerqueira opõe-se a um adversário.



À VENDA NAS MELHORES CHAPELARIAS E NOS BONS ESTABELECIMENTOS DA ESPECIALIDADE

COMEÇOU O CICLISMO

com os 50 kms. clássicos



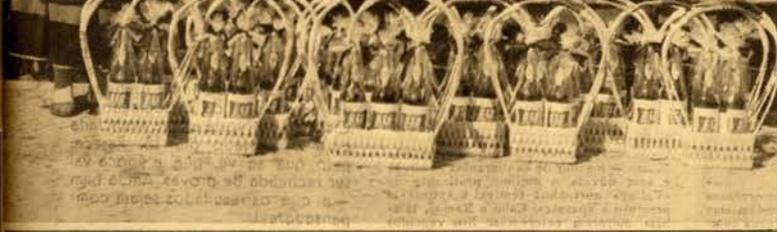
Lourenço corta a meta em vencedor dos independentes



EM CIMA: um belo aspecto da marcha dos iniciados;
EM BAIXO: os amadores pedalam no regresso da Malveira



Ao lado: O grupo das seis gentis «capuchas» que entregaram aos participantes no grande jogo Portugal-Espanha os brindes constituídos por garrafas do afamado DÃO-SUPER-TINTO. Em baixo: O árbitro do encontro, o suíço Eugénio Sherz, também foi contemplado com a oferta do DÃO-SUPER-TINTO. Ei-lo a agradecer a oferta da maneira característica no seu país, enquanto Escartin, outro presenteado, sorri satisfeito



ESTES VINHOS SÃO DA AFAMADA

VINÍCOLA do SUPER-DÃO, L. DA
VISEU

DEPÓSITO GERAL: Rua Filinto Elísio, 2 C — Telef. 81 1040 — LISBOA

Handball

Uma incógnita que persiste
—Nova orgânica para o Nacional—Um esclarecimento

○ Interesse que tem rodeado a conquista do título de campeão regional — neste época já de si difícil, pelo equilíbrio dos clubes na classificação — aumentou com o empate entre os dois favoritos, Vilanovense e Pôrto.

Depois de onze jornadas, a incógnita persiste, pairando as atenções dispersas pelos «três primeiros». O jogo entre as turmas do Vilanovense e F. C. Pôrto, a que assistiu numerosa e entusiástica assistência, com um trecho emocionante do «handball» tripeiro — sessenta minutos que os adeptos dos grupos «sentiram» em escola oscilante, ora de frênilo ora de calorífrio...

A corresponder, uma arbitragem excepcional, felicíssima. A Comissão Distrital, encarando a responsabilidade do encontro, não teve dúvidas em ultrapassar todos os obstáculos, embora aparentemente fáceis, para nomear um dos homens que serviria melhor para as características dos grupos. Chegou a criticar-se a atitude da Comissão ao escolher um juiz que praticamente não poderia ser pontual, devido a caso de força maior. Mas aquela entidade preferiu arrostar com a impaciência do público, ao «remoroso» de uma escolha menos satisfatória. O «homem do apito» realizou, por sua vez, o melhor arbitragem de época, magistral lição prática que desanuviou completamente a má impressão de antes do jogo.

◆ A crescente popularidade do «handball» no público norteño; a simpatia já francamente demonstrada pelos desportistas de Capital para a modalidade; o equilíbrio dos «três primeiros» no campeonato portuense; e, incontestavelmente, a subida de valor técnico do «handball» lisboeta — aconselham este ano nova orgânica para o Campeonato Nacional.

Há o dever de proporcionar a oportunidade da inclusão de mais grupos, e ponderados os limites do torneio máximo, circunscrito apenas aos dois centros de actividade — no Norte e em Lisboa, — afigura-se-nos justo insistir num ponto de vista já esboçado. Convém estudar outro regulamento que mais se harmonize com os interesses do momento. E aproveitando os encontros Pôrto-Lisboa, era aconselhável que a Federação nomeasse representantes que, fossem do caso, junto da Associação norteña, com possibilidades de uma segunda reunião de estudo quando do intercidades na capital.

◆ Um esclarecimento: não estão nas nossas mãos a possibilidade da indicação de nomes para o grupo representativo da Associação do Pôrto.

Sabemos perfeitamente que Toribio, jogador do F. C. Góia, se tem imposto como dos melhores defesas norteños, mas a circunstância de alinhar por um grupo do 2.ª Divisão — sempre integralmente «desconhecido» para quem procura elementos de primeiro plano... — onde, consequentemente, não está «puxado», condena o jogador que brilha nesse meio. É certo que, neste cidade, há abundância de meus defesas, mas a sugestão que acabem de fazer-nos não é viável.

LEAME

Stadium

na Capital do Norte

O bom filho...

SZABO REGRESSOU AO F. C. DO PÔRTO

A notícia do regresso de Szabo a esta cidade, para ocupar o lugar de treinador do F. C. do Pôrto, foi recebida com verdadeira satisfação, não só por parte dos inúmeros associados do clube da Constituição, como também dos admiradores do discutido treinador húngaro, que desfruta no Pôrto de muita simpatia.

É de sublinhar o facto de Szabo ter concedido a preferência ao F. C. do Pôrto, quando é certo que tinha ofertas, talvez mesmo mais vantajosas, de outras colectividades, entre as quais o Estoril e o União de Coimbra. Um jornal do centro do País chegou até a dar como certa a presença de Szabo num clube local, o que não se verificou.

Tem Szabo na sua frente muito trabalho a realizar. Os grupos do F. C. do Pôrto carecem da sua experiência e conhecimentos, pois a habilidade dos jogadores não chega para o que exige o futebol.

Depois de aquil ter permanecido oito anos consecutivos, Szabo abalou do Pôrto deixando atrás de si uma tarefa sem dúvida brilhante, alestada com resultados magníficos. O F. C. do Pôrto nunca mais voltou a ter a aura esplendorosa que conheceu no tempo em que os seus futebolistas estavam confiados à orientação daquele treinador. Fomos testemunha de sua perseverança, da inflexível actitude que desenvolvia para que os jogadores respeitassem o necessário repouso nas vésperas de encontros importantes. Szabo não se limitava a ir para o campo ensinar. Fazia mais: percorria, à noite, os cafés e outros pontos, em busca dos «seus» rapazes, e conduzia-os a casa, para que a resistência física dos atletas não soffesse quebra. E quando o entendia necessário guardava-lhes ainda a porta durante a noite...

Esqueceu-se este dedicação e o grupo que elle tinha organizado, após tantos anos de conselhos, foi-se esfarralhando aos poucos, retraindo-se de época para época. Nada ou quasi nada restou desse grupo.

Volta, portanto, a haver muito que fazer. É preciso regressar praticamente aos primeiros passos, ensinar de novo — tarefa que não poderá ser feita de um momento para o outro. Espere-se, pois, pacientemente, que a acção de Szabo volte a fazer-se sentir, em futuro mais ou menos distante.

Confie-se na sua diligência. Uma das melhores provas de que Szabo regressou animado da mesma vontade é a preferência que deu ao clube que lhe retribuiu antes tão mal o seu intenso trabalho.

No Pôrto considera-se um acto de justiça a resolução dos actuaes directores do clube campeão da capital norteña — acção digna de elogio, a juntar a tantas outras postas em prática pelas gerências presididas pelo figura desempoeirada de desportista do dr. Cesário Bonito.

Os «novos» do F. C. do Pôrto — as direcções de elementos jovens nas lides administrativas, têm feito em dois anos, pelo seu clube, trabalho magnífico, que a seu tempo deverá ser devidamente reconhecido pela massa associativa.

M. A.

INICIATIVAS DA STADIUM

Estão a disputar-se os 1/4 de final do nosso torneio de "Volleyball"

MAIS um passo foi dado na marcha do nosso torneio de «Volley», que no Pôrto está a viver ambiente de verdadeiro entusiasmo.

Concluídos os jogos dos 1/8 de final, que ocuparam dois domingos de magníficos resultados para a propaganda da modalidade, entrou-se agora na 2.ª eliminatória — que nos dará a conhecer os nomes das equipas semi-finalistas e nos aproximará do derradeiro jogo e do vencedor da ambicionada taça «Dr. Salazar Carreira».

Como já é do conhecimento dos nossos leitores, passaram aos 1/8 de final sete equipas: F. C. do Pôrto A e B, Centro Universitário A e B, S. Roque e Académico A e B, entre os quais se procedeu ao respectivo sorteio, que teve «caprichos» de veras curiosos: Académico A ficou apurado para 1/2 final sem ter necessidade de jogar, o que lhe acontece pela segunda vez, visto que de ambas as vezes o número de concorrentes era impar. A equipa A dos acadêmicos está na 1/2 final sem que os seus componentes tivessem ainda necessidade de descer ao terreno.

Por outro lado, as equipas A e B do F. C. do Pôrto — ambas com legítimas aspirações a final — têm de disputar entre si o direito de continuar na prova...

Começou no sábado à tarde e terminou no domingo pela manhã a disputa da primeira mão dos 1/4 de final do nosso torneio que teve fortes motivos de agrado quer pelas exhibições técnicas que nos foi dado ver, quer pela oração posta na

luta por todas as equipas, quer ainda pelo numero público que acorreu a presenciar os jogos.

Sábado, no campo da Avenida, as equipas A e B do F. C. do Pôrto comportaram-se com brilhantismo; a segunda soube opôr forte resistência à primeira, apesar da evidente superioridade desta — com melhores elementos individuais e com mais apurado conjunto.

Os grupos, sob a criteriosa arbitragem de Luis Carvalho, estiveram assim formados: F. C. do Pôrto A — Fernando Castro, Mário Ramos, José Cabo, António Santos Costa e Artur Oliveira. F. C. do Pôrto B: António Rodrigues, Elísio Teixeira, José Policarpo, Casimiro Silva, Jorge Paiva e José Neves. Vitória do F. C. do Pôrto A por 2-1 (15/11-14/10-21/10).

Os vencedores destacou-se Fernando Castro — jogador de exuberantes recursos e sem dúvida o melhor praticante do «Volley» norteño: temível a «puxar» e preciso a «passar». Cabo e Ramos, também merecem referência. Nos vencidos todos merecem parabéns pela maneira entusiástica como lutaram.

Na manhã de domingo, o Centro Universitário ficou no «quadro de honras», mercê das actuações das suas equipas, A e B, que ficaram vencedoras em todo o merecimento.

Centro — Herculano Campos, Eduardo Iglésias, Jorge Viegas, António Pina e João Galvão. Académico B — Domingos da Costa, Agostinho Magno, Quêrox Vieira, José Baste, Francisco

Notas da semana

Andam barcos no rio...

Os nossos dois principais clubes de remo — o Sport e o Fluvial — iniciaram já os treinos práticos das suas turmas de remadores. Saíram para o rio as tripulações, a ensinar as primeiras remadas da época. Por enquanto é como que um experimenter de forças, de escolha de lugares, esboço de selecção de elementos para a formação futura dos «quadros» de tripulantes.

As primeiras lições práticas decorreram com entusiasmo e bom será que todos se compenemem dos seus deveres, por forma a que, nesta época, se registem bons resultados e se marque posição definida.

Basketball

A Associação de Basketball do Pôrto alargou as suas instalações, de forma a poder receber melhor os seus convidados, filiados e jogadores. Ocupa agora uma larga sala, na qual esteve instalada a redacção do «Norte Desportivo», devidamente dividida, com gabinetes para a direcção, secretaria e sala de espera.

É um empreendimento que deve ser louçado, porque representa um grande esforço da direcção cessante.

A instalação não é definitiva, pois este organismo deverá, em futuro próximo, mudar-se para o prédio arrendado da rua de Cedofeita, na qual ficarão em «colmeia» todas as associações dos chamados «desportos menores», incluindo a delegação da Direcção Geral de Desportos e a Comissão Distrital dos Árbitros de Futebol.

Entretanto, menciona-se o esforço cometido, porque é de justiça salientá-lo.

Paléstras desportivas

O dr. Prate de Lima, antigo atleta praticante e nome de larga projecção no atletismo nacional, actualmente médico da Direcção Geral de Desportos, proferiu no ginnásio do F. C. do Pôrto uma interessante palestra sobre «Higiene no Desporto». Assistiram muitos dos componentes das diversas secções desportivas do clube.

Intercâmbio desportivo ibérico

Fala-se muito no organização de um torneio de atletismo entre selecções da Galiza e desta cidade. Também se estão fazendo negociações para jogos em «hockey» em campo e em palls, entre selecções de Portugal e Espanha.

Vem aí o ciclismo!

Entrou Março e os nossos corredores começam a percorrer os estradas, em preparação para as provas que se avizinhm. A abertura do calendário de Associação de Ciclismo do Norte estava anunciada para o passado dia 18. Parece, pelo que se vê, que a época vai ser recheada de provas. Ainda bem — e que os resultados sejam compensadores!

Ferreira e Adolfo Teixeira Árbtrou Fernando de Castro, Vitória do Centro B por 2-0 (15/3-15/10)

No outro jogo: Centro A — Elder Velga, Jldio Cunha, João Cabral, José Sousa, Luiz Viegas e José Nelson. S. Roque A — Frederico Spranger, Elísio Soares, Carlos Costa, Cruz, José Pires, Cruz II e Oliveira e Sousa. Árbitro: Fernando Castro, Vitória do Centro A por 2-0 (15/3-15/11).

Dois relatórios de gerência

O Portugal-Espanha em Xadrez

(Continuação da página 5)

Federação Portuguesa de Ciclismo

ABRANGE dois anos—1943 e 1944. Com a alegação de que o primeiro já vai longe e de que o segundo não teve actividade que obrigue a largas referências, o relatório da direcção da F. P. C. é acentualmente curto, em um ponto de mais importante, em poucas linhas. Basta, porém, para dar ideia das dificuldades com que aquela federação luta.

O ano de 1943 decorreu aliada com a organização antiga—como União Velocípédica Portuguesa. Fez por isso as suas provas tradicionais, desde os 30 Quilómetros de abertura, até aos campeonatos do país. No último ano, organizou apenas estes. O número de licenças, prova do número de corredores em actividade, baixou de 287 para 197. Em 1944, registaram-se, todavia, 66 licenças especiais de cicla-turistas, criadas pela nova estrutura da federação.

Aiude-se neste relatório à iniciativa de «Curso de Aperfeiçoamento de Ciclistas», falando-se no Stadium do nosso prezado director da especialidade, Gil Moreira. A referência é ligeira, afirmando-se, no entanto, que foi brilhante e útil e que alcançou o melhor êxito. É dever nosso agradecer a deficiência, embora a iniciativa da Stadium pudesse merecer comentário mais amplo, visto que incluiu também a organização de uma prova por etapas, para iniciados.

Gimnásio Clube Português

Não recordamos se o Gimnásio tem por costume dar aos seus relatórios de gerência o relevo que lhe dá este ano. O relatório de 1943-1944 é, sem favor, um trabalho notável na explanação dos actos directivos, da situação de clube e do funcionamento das suas aulas, com poder de discriminação e análise que foi até à inclusão de dois relatórios médicos. Num deles, relativo às classes femininas, faz a dr.ª D. Maria Luisa da Palma Carlos um resumo de observações que comprovam os benefícios da educação física nas raparigas. O dr. Elísio de Montargil trata das classes masculinas. Em qualquer destes trabalhos apontam-se indicações, embora em globo, acerca de mensurações, aumento e diminuição de pesos. Todas estas notas são curiosas como expressão do cuidado que as classes merecem ao corpo clínico do Gimnásio.

São também curiosas as notas respeitantes à frequência das classes. A gímnastica teve 866 alunos, em 1943. No ano imediato, subiu este número a 877, ainda que retirando daquele os alunos que se dedicam à gímnastica artística, considerada depois como treino, e não como classe. O jogo de pau, a esgrima e o pugilismo, tiveram, em 1943, 4, 18 e 18 alunos, para 8, 17 e 21 em 1944. No que respeita a secções desportivas, as que registaram maior movimentação foram as de esgrima e tiro.

Nas duas gerências, conquistou o Gimnásio mais quatro trofeus, elevando assim o respectivo total a 120. Também aumentou o número de sócios: 1291, em 1943, e 1381, em 1944.

Verifica-se, pela leitura do relatório, que as direcções do Gimnásio continuam a dispensar a sua melhor atenção aos alunas das Relíquias Históricas e das Fotografias de clube. O Album n.º 1 das Relíquias compreende: período de 1875 a 1924, praticamente os primeiros cinquenta anos do clube, o n.º 2 vai de 1923 a 1943 e o terceiro está em marcha. As fotografias ficaram devidamente arquivadas em 5 alunas. A direcção de 1943 e 1944 não descurou, pois, a história do clube, no que respeita à iconografia.

O relatório de 1943 e 1944 é, pois, um documento que prestigia o Gimnásio.

Ao redor do Portugal-Espanha

(Continuação da página 2)

E a Federação pensa nelas...

—Estamos já a organizar a viagem à Coruña—confia-nos o dr. Vergílio Paula.

«As nossas diligências começaram no sentido de conseguirmos que esta viagem se torne fácil, pouco fatigante. Temos enorme responsabilidade, mas estamos convencidos da eficiência destes três jogos internacionais — e da sua grande utilidade.

«A ida à Suíça vai merecer-nos cuidado metucioso, atendendo às dificuldades da deslocação, em face da situação de algumas regiões que temos de atravessar. Enfim! Far-se-á tudo pelo futebol nacional e pelo desejo de uma boa representação perante o público do País.

Um Portugal-Inglaterra ? ..

O dr. Vergílio Paula levará longe a sua amabilidade, proporcionando-nos pormenores interessantes sobre a actividade internacional do nosso futebol. Mas forneceu-nos ainda boas notícias, que traduzem o cuidado que merece à Federação de Futebol a actividade do popu-

lacao e acaba de jogar 1. Boz. É o gambito escocês—uma abertura muito jogada no Norte. Passamos ao segundo tabuleiro, onde estão os mais fortes xadrezistas da Península: Medina e Lupi. Está a chegar de tomar o PR como C. Optou pela defesa aberta da partida espanhola. No terceiro tabuleiro estão frente a frente Pires e Llorens. De novo uma defesa ortodoxa? Sim, mas com uma variante diferente: a defesa de Lasker. Deixamos Carlos Pires a reflectir sobre a continuação a seguir depois das trocas dos BB em e7—e passamos ao quarto tabuleiro. Moura defronta Fuentes, que já jogou contra nós na Olimpíada por correspondência. O espanhol quer jogar uma inglesa, mas Moura teima em propor a holandesa...

No 5.º tab. Russel fez o gambito de dama. Perez defende-se com a esvaza. Passamos ao 6.º tab., no qual estão Albareda e Leonel Pias. Deparamos com uma abertura Rjzer-soderstr: a catãl contra a defesa indiana do Rei. No 7.º tab. vemos Martinez Mocete e Nandina de Carvalho. O primeiro escolheu a mesma variante que Lupi estava jogando: a defesa aberta da partida espanhola. Nascimento opta pela defesa fechada—e logo Frias envereda por uma linha pouco vulgar: 6.Cxg6.

Assim tiveram começo as partidas da segunda sessão. A lista de jogos a favor da selecção espanhola seguiu os nossos apontamentos. Somos, pois, obrigados a registar que, disputadas todas elas, se verificou o seguinte resultado: Espanha 12,5 pontos; Portugal, 3,5 pontos. O nosso baptismo internacional no xadrez estava feito com um pesado resultado desfavorável.

Todavia, e em face da maneira como decorreu o encontro, o resultado do jogo a favor da selecção espanhola estaria mais naturalmente indicado, exprimira muito melhor o valor efectivo das duas equipas.

Resultados individuais: Arturo Pomar, 2 pontos—João Mário Ribeiro, 0; António Medina, 1—Francisco Lupi, 1; Rafael Llorens, 1—Carlos Pires, 1; Manuel Fuentes, 2—João de Moura, 0; Francisco Perez, 1,3—Gabriel Russel, 0,5; Mique Albareda, 2—Leonel Pias, 0; Martine Mocete, 1—Nandina de Carvalho, 0; António Frias, 1—Rui Nascimento, 1.

As equipas e os jogadores

O conjunto espanhol era excelente e nitidamente superior ao nosso. O melo xadrezístico no país vizinho, além de contar com maior número de jogadores, possui-os de maior categoria. A sua preparação é metódica e feita em profundidade—para o que muito concorreu o facto de serem treinados pelo célebre campeão mundial Alekhine, já nosso conhecido.

A equipa portuguesa era sensivelmente menos homogênea. Dos seus oito componentes, apenas dois eram na realidade, bastantes fortes. A representação portuguesa não pôde contar com o concurso de alguns xadrezistas de muito valor, como os drs. Mário Machado e Gabriel Ribeiro, e ainda com Mazoni da Costa. Com estes três elementos tornar-se-ia muito mais valiosa—e o resultado final seria diferente.

João Mário Ribeiro defrontou-nos a impressão de possuir classe um tanto superior à do jovem prodígio Pomar, não obstante a desfavorável exhibição do jogador português. A circunstância de nem sempre ter conseguido dominar os nervos diminuiu sensivelmente a sua capacidade. A ultima artida reflecte também o seu estado de espirito. Procurou o ataque, mesmo quando não devia fazê-lo, pois a decidida preferência pelo jogo aberto não se justificava, por falta de preparação técnica. Arturo Pomar, com os seus prometedores treze anos — que podem até passar por menos...—excedeu quanto dele esperávamos. Os nossos adversários têm razão em confiar no seu «niño», porque Pomar mostra, de facto, qualidades para ser um grande Mestre internacional. Esta é também a opinião de Aleckine...

Lupi equilibrou muito bem a sua partida em grande parte do jogo, mas pecou por excesso de reflexo, que o tempo de controles pune inexoravelmente. No entanto! a sua actuação é digna de todo o relevo. A vitória obtida

sobre Medina, campeão de Espanha, na 1.ª sessão, revela a capacidade dos seus recursos e dá ideia das suas possibilidades num confronto internacional de grande envergadura. A resistência física é factor importante nas suas exhibições, precisamente a última partilha dá-nos o exposto do seu valor.

Medina, mais experimentado em competições de grande fundo, teve ocasião de demonstrar a sua classe. Na realidade, o ceptro de xadrez espanhol deve encontrar-se nas melhores mãos.

Carlos Pires teve comportamento excelente, se atendermos à má forma patológica dos últimos torneios. O seu adversário demonstrou por sua vez, classe incontestável. Os empates foram propostos por ele em boas condições.

Digno do melhor elogio o cavalheirismo de Rafael Llorens, no último jogo. Vendo a partida empatada e Carlos Pires «apertadíssimo» pelo tempo, propôs as tablas, dando-nos a mais perfeita lição de espirito desportivo que é possível verificar-se no Xadrez.

João de Moura não foi o jogador metódico e seguro que conhecemos do Grupo de Xadrez de Lisboa. Assim, Fuentes limitou-se a explorar, aliás com perfeita mestria, as falhas de critério estratégico e posicional do adversário. Em ambas as partidas, o mestre castelhano f. nalizou com larga vantagem de material.

Em contraste com a primeira exhibição, Russel desenvolveu jogo inferior na segunda. Em compensação, Perez actuou muito bem nesse novo encontro.

Leonel Pias evidenciou, como o seu patricio João Ribeiro, grande desorientação, reflexo do mau domínio dos nervos. Melhorou muito na segunda partida, mas no final, com o empate à vista, sossobrou e perdeu. Albareda deu uma boa prova na 1.ª sessão, também não ficou inferiorizado na 2.ª.

Quanto a Nandina de Carvalho, não está evidentemente preparado para partidas de tanta importância. Martinez Mocete excedeu as nossas melhores perspectivas: na última partida exhibiu bom esquema de jogo de bloqueio e quando a tensão diminuiu a sua precisão de técnica foi notável.

Rui Nascimento será mestre quando quiser — porque possui estofo igual a outros que passaram. A superioridade da sua classe ficou claramente demonstrada. A derrota que sofreu na última partida, após cinco horas de luta, e na qual desenvolveu excelente jogo, deve considerar-se um infeliz incidente provocado pela fadiga, ocasionando um prémio injusto para tão belo esforço. Frias deu boa prova, principalmente na segunda sessão, e não deixou escapar a «chance» que se lhe ofereceu.

Um pormenor que merece ser sublinhado eloquiosamente: a facilidade concedida à assistência, por meio de quadros que reproduziam fielmente os tabuleiros, pela qual todos puderam a girir em pormenor o desenrolar do memorável encontro.

VASCO SANTOS

O NOSSO ULTIMO NUMERO

dedicado ao encontro Portugal - Espanha

teve êxito enorme e esgotou-se imediatamente

O nosso último número, dedicado ao grande encontro de futebol entre as selecções de Portugal e Espanha, constituiu-se em assinalado êxito que se esgotou rapidamente, nas primeiras horas da manhã, apesar do grande reforço de tiragem que fizemos e de só ter sido possível, precisamente por êsse motivo, pô-lo à venda na quinta-feira.

Embora registemos já muitos números esgotados, é a segunda vez que Stadium alcança tão relumbante successo — a primeira verificou-se com a edição especial dedicada à inauguração do nosso grandioso Estádio.

Lamentamos ler de informar todos os inúmeros leitores e agentes, que nos escreveram ou telegrapharam — no nosso Administração receberem-se dezenas de telegramas e centenas de outros pedidos — solicitando novas ramessas, ser-nos inteiramente impossível atender qualquer pedido.

Ano III—Lisboa, 21 de Março de 1945—II Série—N.º 120

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidãdo João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146—LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA.—LISBOA

FERNANDO SA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

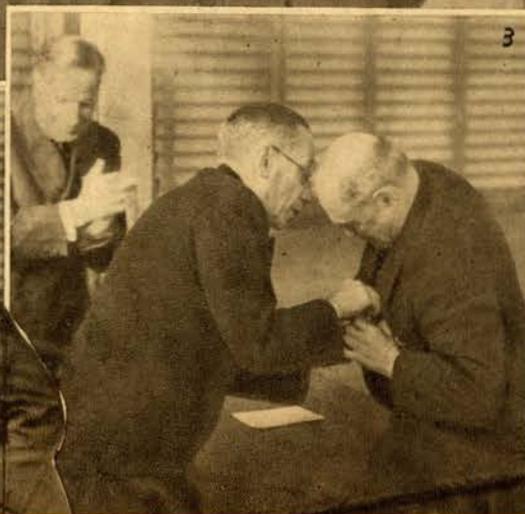
O Sporting

empatou em Guimarães

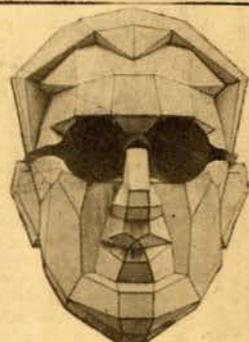
1—Luta-se na grande área vimaranense... 2—Azevedo está no chão, magoado, mas o jogo continua e o «goal» é salvo a tempo; 3—Jesus Correia vai centrar—para Peyroteo marcar o 3.º ponto do Sporting



O GIMNÁSIO CLUBE festeja 70 anos de existência



O benemérito Gimnásio Clube, paladino da Educação Física em Portugal, começou no domingo as comemorações do 70.º aniversário. Antes, havia recebido na sua sede os representantes da Imprensa (1), aos quais falou, em nome do velho Gimnásio, o seu actual presidente, sr. major dr. Jorge Cesar Oom (x). A cerimónia efectuada no domingo constou da entrega de medalhas a antigos presidentes da assembleia geral e da direcção, depois de uma alocução do sr. major Oom. As gravuras (2 e 3) mostram a imposição das medalhas a Humberto Caldas e dr. José Pontes. As comemorações, às quais faremos referência no nosso próximo número, prosseguem durante esta semana



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1868

Depositiária das lentes "ZEISS"

Binóculos, Termómetros

Bússolas de marcha, etc.

Aparelhos de Precisão

135, RUA DA PRATA, 140

Telefone 2 2629 LISBOA